

12ª Publicação

SOUSA, Gabriel Soares de (década de 1540-1591). **Bestiário** (texto extraído do tratado descritivo do Brasil em 1587). 1958. Ilustrações de Marcello Grassmann (1925), 36 gravuras sobre madeira. As placas que serviram para a ilustração foram destruídas. Rio de Janeiro, SCBB. 138 p. Formato: 250x325 mm (*in folio*). Contos. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual, texto impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 2/2/1958 e terminada em 16/10/1958. Fonte do tipo Caslon Romano. 45 capitulares (cor vermelha). Indentação de 14 mm. Alinhamento justificado. 45 títulos (frases CAb, itálico, cor preta) de início de conto (centralizados). Fólio no rodapé alinhado a borda externa. Papel Marais para a impressão do miolo. Com capa de proteção (2/0, vermelha e preta), capa portfólio e caixa. Tiragem limitada de 120 exemplares. * Sob a direção de Poty Lazzarotto.



capa



páginas 10 e 11



folha de rosto



páginas 44 e 45

2.48 – Páginas da 12ª publicação, **Bestiário**, de Gabriel Soares de Souza, 1958, com ilustrações de Marcello Grassmann (escala 1:5).

13ª Publicação

RÊGO, José Lins do (1901-1957). **Menino de engenho**. 1959. Ilustrações de Candido Portinari (1903-1962); 30 gravuras tiradas na oficina da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 203 p. Formato: 280x360 mm (*in folio*). Prosa. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual, texto impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 13/1/1959 e terminada em 31/8/1959. Fonte do tipo Elzevir Romano. 40 capitulares (cor cian). Indentação de 14 mm. Alinhamento justificado. Não há título. Fólio no rodapé centralizado. Papel Vélín Arches para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, cor cian), capa portfólio e caixa. Tiragem limitada de 120 exemplares. * Supervisão de Poty Lazzarotto.



capa



páginas 22 e 23



folha de rosto



páginas 130 e 131

2.49 – Páginas da 13ª publicação, *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, 1959, com ilustrações de Portinari (escala 1:5).

14ª Publicação

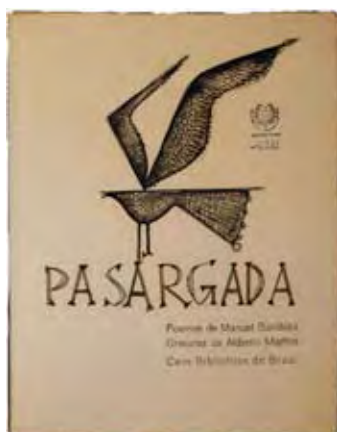
BANDEIRA, Manuel (1886-1968). **Pasárgada**. Não há data na folha de rosto. Ilustrações de Aldemir Martins (1922-2006), 39 gravuras tiradas na oficina da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 74, [1] p. Formato: 225x280 mm (*in 4º*). Poesia. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual (somente cb), texto impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 25/1/1960 e terminada em 30/8/1960. Fonte do tipo Grottesca Reforma Magra. Não há capitulares. Indentação de 15 mm. Alinhamento à esquerda. 29 títulos (Cb, cor preta) das poesias (centralizados na página de texto). Fólio no rodapé alinhado à borda externa. Papel Vélín Arches para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, relevo seco), capa portfólio e caixa. Tiragem limitada de 120 exemplares.



Capa



páginas 24 e 25



folha de rosto



páginas 38 e 39

2.50 – Páginas da 14ª publicação, **Pasárgada**, de Manuel Bandeira, 1960, com ilustrações de Aldemir Martins (escala 1:6).

15ª Publicação

RODRIGUES, João Barbosa (1842 -1909). **Poranduba amazonense**. Não há data na folha de rosto. Ilustrações de Darel Valença Lins (1934), deveria ser ilustrado por Oswald Goeldi (1895-1961) falecido prematuramente. 23 águas-fortes com buril estampadas na oficina da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 53, [1] p. Formato: 280x350 mm (*in folio*). Contos. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual, texto impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 25/1/1961 e terminada em 31/7/1961. Fonte do tipo Caslon Elzevir Romano. 25 capitulares (cor preta). Indentação de 11 mm. Alinhamento justificado. 25 títulos (CA, cor preta) dos contos (alinhados à direita na página de texto). Fólio no rodapé centralizado. Papel Vélin d'Arches para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, cor preta), capa portfólio e caixa. Tiragem limitada de 120 exemplares.



capa



páginas 30 e 31



folha de rosto



páginas 50 e 51

2.51 – Páginas da 15ª publicação, *Poranduba amazonense*, de João Barbosa Rodrigues, 1961, com ilustrações de Darel (escala 1:5).

16ª Publicação

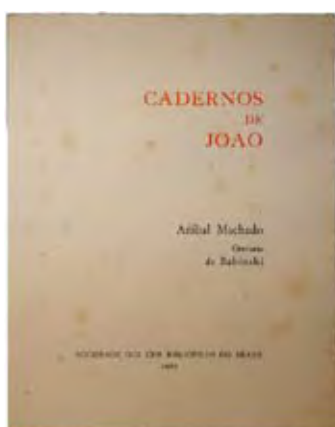
MACHADO, Aníbal (1884-1964). **Cadernos de João**. 1962. Ilustrações de Maciej Babinski (1931). 24 águas-fortes tiradas na oficina da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 76 p. Formato: 225x285 mm (*in 4º*). Poemas em prosa e fragmentos. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual, texto impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 10/10/1961 e terminada em 30/4/1962. Fonte do tipo Elzevir século XVII. 38 capitulares (cor preta). Indentação de 14 mm. Alinhamento justificado. 37 títulos (CA, cor laranja) dos contos (alinhados à direita na página de texto). Fólio no rodapé centralizado. Papel Vélin d'Arches para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, cor preta, papel colorido azul), capa portfólio e caixa. Tiragem limitada de 120 exemplares.



capa



páginas 8 e 9



folha de rosto

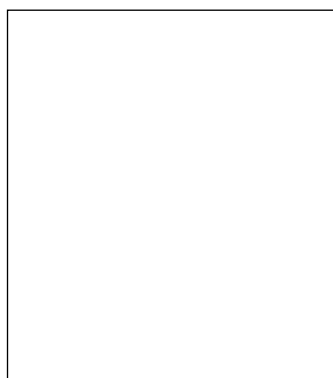


páginas 38 e 39

2.52 – Páginas da 16ª publicação, *Cadernos de João*, de Aníbal Machado, 1962, com ilustrações de Babinsky (escala 1:4).

17ª Publicação

AMADO, Jorge (1912-2001). **A morte e a morte de Quincas Berro d'Água**. 1962. Ilustrações de Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo ou Di Cavalcanti (1897-1976). 6 gravuras coloridas tiradas sob a orientação de Darel na oficina da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. As matrizes que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 59 p. Formato: 405x455 mm (*in plano*), "(...) a intenção era encadernar em 'onglets', por isso que tôdas as folhas tem 2 cm a mais na largura, pois há folhas que devem ser dobradas e outras cortadas, sendo estas coladas naquelas". Prosa. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual, texto impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 23/7/1962 e terminada em 31/1/1963. Fonte do tipo Grotasca Reforma Magra. 12 capitulares (cor preta), para iniciar um novo capítulo. Indentação de 18 mm. Alinhamento justificado. Não há títulos. Fólio no rodapé centralizado. Papel Vélin d'Arches para a impressão do miolo. Não possui capa de proteção, apenas capa portfólio fechada com fitas. Tiragem limitada de 120 exemplares.



não possui capa



páginas 18 e ilustração encartada



folha de rosto



páginas 28 e 29

2.53 – Páginas da 17ª publicação, *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*, de Jorge Amado, 1963, com ilustrações de Di Cavalcanti (escala 1:7).

18ª Publicação

ROSA, João Guimarães (1908-1967). **Campo geral**. Não há data na folha de rosto. Ilustrações de Djanira. 32 desenhos coloridos (cores chapadas azul, vermelho e verde e com traço preto) gravados por Darel em cobre e *linoleum* tirados na oficina da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. As matrizes que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 142, [1] p. Formato: 230x285 mm (*in folio*). Novela extraída do livro *Corpo de baile*. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual, texto impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 23/6/1963 e terminada em 10/8/1964. Fonte do tipo Elzevir século XVII. 1 capitular somente no início do texto (cor preta). Indentação de 10 mm. Alinhamento justificado. Não há títulos. Fólio no rodapé centralizado. Papel Vélín d'Arches para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, cor verde), capa portfólio. Tiragem limitada de 120 exemplares.



capa



páginas 32 e 33



folha de rosto



páginas 48 e 49

2.54 – Páginas da 18ª publicação, *Campo geral*, de Guimarães Rosa, 1964, com ilustrações de Djanira (escala 1:4).

19ª Publicação

ASSIS, Machado de (1839-1908). **Quatro contos**. Não há data na folha de rosto. Ilustrações de Poty Lazzarotto. 12 gravuras em ponta-seca e água-forte tiradas na oficina da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 85, [1] p. Formato: 250x325 mm (*in folio*). Contos. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual, texto impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 9/4/1965 e terminada em 15/9/1965. Fonte do tipo Grottesca Reforma Magra. 4 capitulares, uma no início de cada conto (cor preta). Indentação de 15 mm. Alinhamento justificado. 4 títulos centralizados (cb, cor sépia) de página de abertura dos quatro contos. Fólio no rodapé alinhado à borda externa. Papel Vélin d'Arches para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, cor preta), capa portfólio e caixa. Tiragem limitada de 120 exemplares.



capa



páginas 42 e 43



folha de rosto



páginas 44 e 45

2.55 – Páginas da 19ª publicação, *Quatro contos*, de Machado de Assis, 1965, com ilustrações de Poty (escala 1:5).

20ª Publicação

LIMA, Jorge de (1893-1953). **As aparições**. Não há data na folha de rosto. Ilustrações de Eduardo Sued (1925). 12 gravuras em água-forte e água-tinta tiradas na oficina da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 75, [1] p. Formato: 225x285 mm (*in 4º*). Poemas. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual, texto impresso em prelos manuais nas oficinas da Gráfica de Artes S.A., Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 10/1/1965 e terminada em 25/4/1966. Fonte do tipo Grottesca Reforma Magra. Não há capitulares. Não há indentações. Alinhamento à esquerda. Não há títulos centralizados, os poemas são numerados em algarismos romanos em itálico (cor vermelha) fora da mancha de texto, antes da 1ª linha. Fólio no rodapé alinhado à esquerda, tanto nas páginas pares como nas ímpares. Papel Vélin d'Arches para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, cor preta) e capa portifólio. Tiragem limitada de 120 exemplares.



capa



páginas 50 e 51



folha de rosto



páginas 68 e 69

2.56 – Páginas da 20ª publicação, *As aparições*, de Jorge de Lima, 1966, com ilustrações de Eduardo Sued (escala 1:4).

21ª Publicação

SCHMIDT, Augusto Frederico (1906-1965). **Ciclo da Moura**. Não há data na folha de rosto. Ilustrações de Cícero Dias (1907-2003). 12 águas-fortes e águas-tintas (não cita a oficina). As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 87 p. Formato: 250x325 mm (*in 4º*). Poemas. Exemplar letra G impresso para ABL. Composição manual, texto impresso em prelos manuais (não cita o local). A impressão foi iniciada em 20/10/1966 e terminada em 31/5/1967. Fonte do tipo Grotesca Reforma Magra. Não há capitulares. Não possui indentação. Alinhamento à esquerda. 4 títulos (dos poemas) de página de entrada de capítulo (CA, cor preta, centralizados em página branca). Fólio no rodapé alinhado à direita, tanto nas páginas pares como nas ímpares. Papel Vélin d'Arches para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, cor preta, papel colorido azul) e capa portifólio. Tiragem limitada de 120 exemplares.



capa



páginas 12 e 13



folha de rosto



páginas 18 e 19

2.57 – Páginas da 21ª publicação, *Ciclo da Moura*, de Augusto Frederico Schmidt, 1967, com ilustrações de Cícero Dias (escala 1:5).

22ª Publicação

DUQUE-ESTRADA, Osório (1870-1927). **Hino Nacional Brasileiro**. 1968. Ilustrações de Isabel Pons (1912-2002). 7 gravuras em água-forte e água-tinta (não cita a oficina). As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 42 p. Formato: 320x454 mm. Poema. Exemplar nº 2 impresso para ROCM. Composição manual, texto (todo em CA) impresso no Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 20/10/1967 e terminada em 28/3/1968. Fonte do tipo Caslon Elzevir Romano. Não há capitulares. Não há indentação. Alinhamento centralizado. Não há títulos. Fólio no rodapé alinhado à direita, tanto nas páginas pares como nas ímpares. Papel Vélin d'Arches para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, cor marrom), capa dura. Tiragem excepcional de 140 exemplares.



capa



páginas 32 e 33



folha de rosto



páginas 10 e 11

2.58 – Páginas da 22ª publicação, *Hino Nacional Brasileiro*, de Osório Duque-Estrada, 1968, com ilustrações de Isabel Pons (escala 1:6).

23ª Publicação

AMADO, Jorge (1912-2001). **O compadre de Ogun**. 1969. Ilustrações de Mário Cravo. 10 gravuras em água-forte e água-tinta (não cita a oficina). As gravuras são aberturas de capítulos; somente o último capítulo não possui abertura, com a gravura no fim do mesmo. As placas que serviram para a ilustração foram inutilizadas. Rio de Janeiro, SCBB. 131, [2] p. Formato: 240x330 mm. Conto do livro *Os pastores da noite*. Exemplar nº 81 impresso para César de Mello e Cunha. Composição manual, impresso no Rio de Janeiro. A impressão foi iniciada em 2/5/1968 e terminada em 18/6/1969. Fonte do tipo Caslon Elzevir Romano. 10 capitulares (coloridas). Indentação de 18 mm. Alinhamento justificado. Não há títulos. Fólio no rodapé alinhado à esquerda tanto nas páginas pares como nas ímpares. Papel Westerprint para a impressão do miolo. Com capa de proteção (1/0, cor preta). Tiragem única de 120 exemplares.



capa



páginas 74 e 75



folha de rosto



páginas 132 e 133

2.59 – Páginas da 23ª publicação, *O compadre de Ogun*, de Jorge Amado, 1969, com ilustrações de Mario Cravo (escala 1:5).

2.3 Os livros de sociedades francesas

Foram consultados os livros que serviram de inspiração para a Sociedade brasileira. Hoje eles fazem parte do acervo do Museu da Chácara do Céu. São publicações das Sociedades francesas: Soci  t   des Les Cent Bibliophiles (criação em 1895; edições: 1899 a 1958)³ e Les Amis Bibliophiles,  s quais Castro Maya era associado.

Todos os livros franceses estudados foram personalizados para Castro Maya. Aparentemente, o associado não possuía uma posi o fixa, como acontecia no Brasil, onde o número 2 recebia o exemplar número 2. Da Soci  t   des Les Cent Bibliophiles, a cada ano Castro Maya recebia um exemplar com um número diferente. Em 1935 recebeu o exemplar número 24; em 1937, o número 26; em 1938, o número 20; em 1949, o número 32; em 1951, torna a receber o número 24; já em 1952, o número 23; em 1958, o número 35. Além disso, seu nome quase sempre vinha escrito de forma incorreta: ora vinha com hífen (Castro-Maya), ora aparecia Ottori no lugar de Ottoni, ora surgia como Raymondo, ao invés de Raymundo. O mesmo acontecia com as edições vindas de Les Amis Bibliophiles, onde o livro de 1966 pertencera   Raymondo, ao invés de Raymundo.

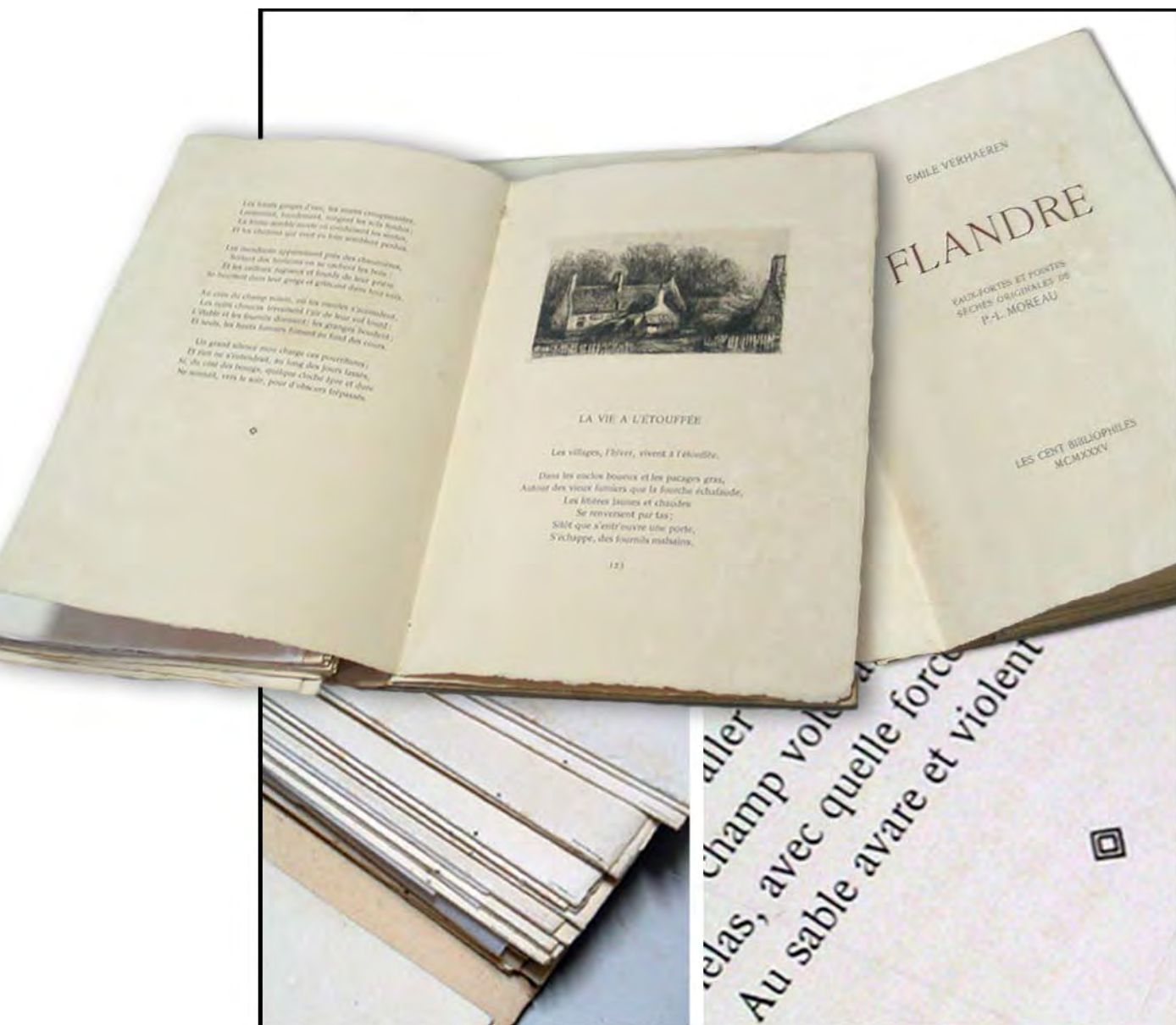
Os livros da França também não eram reconhecidos pela numera o ordinal, como aconteceu com a Cole o brasileira (primeira publica o, segunda...). E, apesar de as publica es serem francesas, publicavam também títulos ingleses, não se restringindo   regra de produzir apenas livros pátrios – a obra *Le Songe d'une Nuit d'Et * (*Sonhos de uma noite de verão*), de William Shakespeare, foi uma das escolhidas.

Notam-se diferenças também entre os brasileiros e franceses quanto   apresenta o formal. Os franceses são mais detalhistas. Como já abordado na *Introdu o*, utilizam delicados recursos, como pode ser observado na montagem do caderno do título de 1935, *Flandre*, de Emile Verhaeren. Há um sutil fio que orienta a dobra do caderno. Em rela o   diagrama o nos livros estudados, há arejamento entre as ilustra es, assim como qualidade evidente na impressão dos tipos sobre o papel (sem decalques e transparências) e no acabamento, muito bem realizado.

3 Informa o obtida através de correspondência eletr nica com M. Vaine, da Biblioteca Nacional da França, Setor de Livros Raros, em abril de 2008.

Ex. 1 Les Cent Bibliophiles

VERHAEREN, Emile. 1935. *Flandre. Eaux-fortes et points sèches originales de P.L. Moreau. Les Cent Bibliophiles*, Paris. 192x287 mm. Exemplaire número 24 imprimé pour M.R. de Castro-Maya. *Achevés d'imprimeur en taille-douce, par Fequet e baudier, imprimeurs typographies. Papier (com marca-d'água personalizada: Les Cent Bibliophiles). Tiré à 120 exemplaires.*



2.60 – Detalhes: impressão de um fio marcando a dobra do caderno e de uma das páginas do miolo.

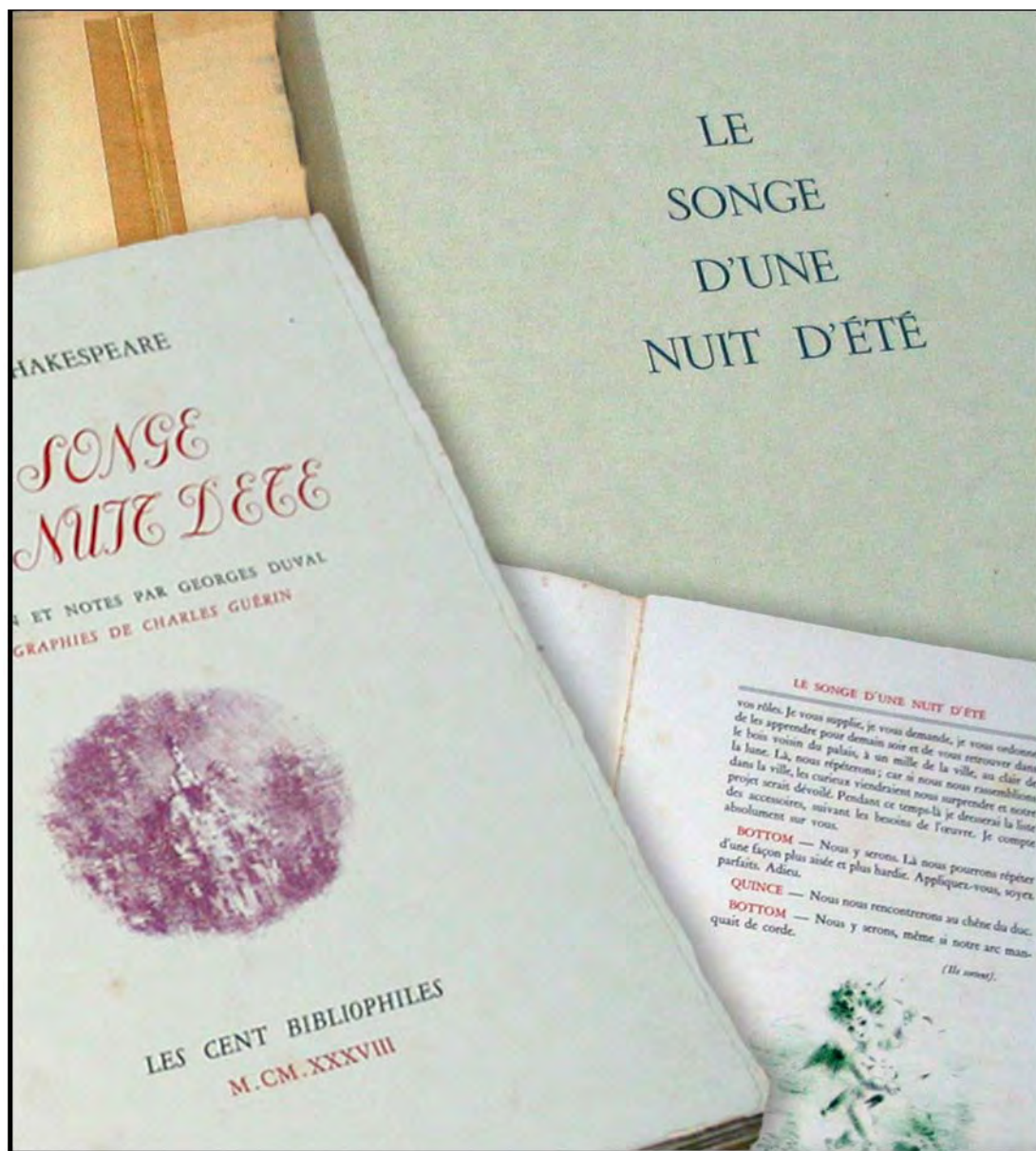
Ex. 2 Les Cent Bibliophiles

GOURMONT, Remy de. 1937. *Un Coeur Virginal*. Orné de gravures en couleurs par J.E. Laboureaux e tiradas por Brunel (gravures en couleurs). Les Cent Bibliophiles, Paris. 186x263 mm. Exemplaire numéro 26 imprimé pour Monsieur R. Ottori de Castro-Maya. Papier Vélín des papeteries de Rives. Tiré a 120 exemplaires.

2.61 – *Un Coeur Virginal*.

Ex. 3 Les Cent Bibliophiles

SHAKESPEARE, William. 1938. *Le Songe d'Une Nuit d'Eté*. Traduction et notes par Georges Duval. Litographies de Charles Guérin. Les Cent Bibliophiles, Paris. 210x290 mm. Exemplaire numéro 20 imprimé pour Monsieur R. Ottori de Castro Maya. Papel Arches, marca-d'água personalizada: Les Cent Bibliophiles. Papier Arches (com marca-d'água personalizada: Les Cent Bibliophiles). Tiré à 130 exemplaires.

2.62 – *Le Songe d'Une Nuit d'Eté*.

Ex. 4 Les Cent Bibliophiles

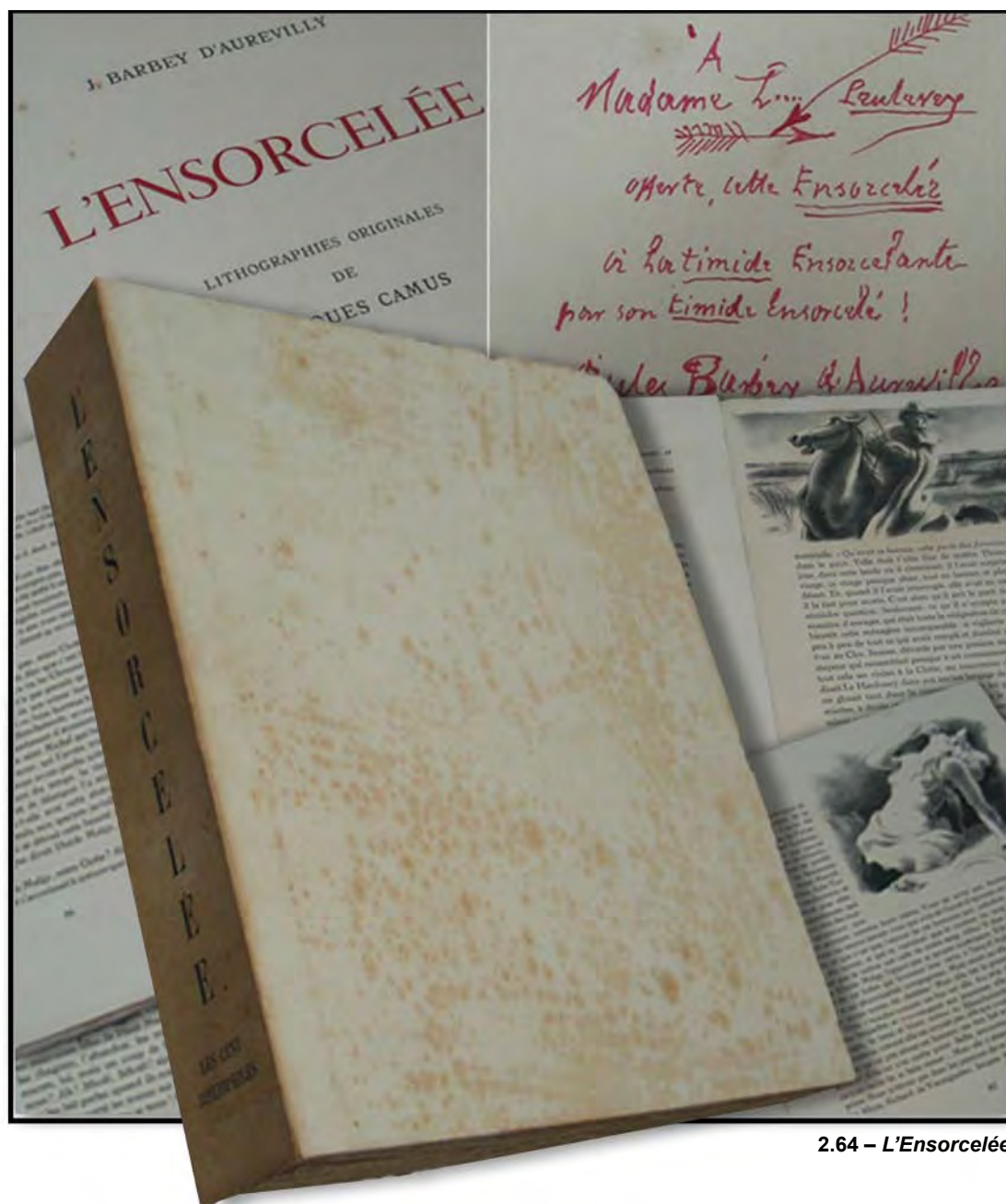
DUHAMEL, Georges (de l'Académie Française). 1949. *Hollande. Eaux-fortes et points secs originales de Jean Fréulaut sur les presses de Roger Laouriere. Les Cent Bibliophiles, Paris. 190x278 mm. Exemplaire numéro 32 imprimé pour Monsieur Rayamundo de Castro Maya. Par Fequet et Baudier par la typographie. Tiré à 135 exemplaires.*



2.63 – *Hollande*. Nesta edição, o papel possui marca-d'água personalizada: Les Cent Bibliophiles.

Ex. 5 Les Cent Bibliophiles

D'AUREVILLY, J. Barbey. 1951. *L'Ensorcelée*. Litographies originales de Jacques Camus. Les Cent Bibliophiles, Paris. 250x314 mm. Exemplaire número 24 imprimé pour M. Raymundo Ottori de Castro-Maya. Papel Arches. Tiré à 130 exemplaires.

2.64 – *L'Ensorcelée*.

Ex. 6 Les Cent Bibliophiles

FONTAINE, Jean de la. 1952. *Le Songe de Vaux et Elégie pour M. Fouquet*. Gravures par J. Frélaud, sur les presses de Roger Lacourière. Les Cent Bibliophiles, Paris. 250x314mm. Exemplaire numéro 23 imprimé pour M. Rayamundo Ottori de Castro Maya. Par Fequet et Baudier par la typographie. Les Cent Bibliophiles. Tiré a 145 exemplaires.



2.65 – *Le Songe de Vaux*. Livro encadernado em folhas soltas. Note o cuidado com a encadernação que simula lombada de livro encadernado. Nesta edição, o papel possui marca-d'água personalizada: Les Cent Bibliophiles.

Ex. 7 Les Cent Bibliophiles

PETRARQUE. 1958. Madrigaux, Sextines, Ballade, Sonnets, Chants. Gravures de Pierre Yves Trémois. Les Cent Bibliophiles, Paris. Exempleire numéro 35 imprimé pour M. Raymondo Ottoni de Castro Maya.



2.66 – Madrigaux Sextines, Ballade, Sonnets, Chants.

Ex. 8 Les Amis Bibliophiles

BELLEAU, Remy. 1966. *Petites Inventions*. Gravures originales de Eugène Corneau. Les Amis Bibliophiles, Paris. 160x248 mm. Exemplaire numéro 34 imprimé pour M. Raymondo Ottori de Castro-Maya. Papier BFK Rives.



2.67 – *Petites Inventions*, exemplar não encadernado.

2.4 Outras publicações

O prazer de Castro Maya em produzir livros o fez empenhar-se não apenas na CCBB, mas em outros projetos no ramo. Publicou títulos sem vínculo com a Sociedade, como *O alienista* – com a mesma equipe que produziu o primeiro livro da Sociedade, *Memórias Póstumas de Braz Cubas*. “É interessante considerar a proximidade entre o início desta edição, em 1944, e o começo das atividades da SCBB, em 1943. (...) Há aqui um surto editorial, possivelmente no vácuo da Europa em guerra.” (Baraçal, 2001, p. 63) Tanto *O alienista* como *Memórias posthumas de Braz Cubas* são de Machado de Assis e têm ilustrações do mesmo artista, Portinari. Ambos foram impressos em offset, com o mesmo papel Goat-skin Parchment, e com a tiragem numerada e limitada: *O alienista* com 400 exemplares e o da Sociedade com 119 exemplares.



2.68 – *O alienista*, iniciado em 1945 e acabado em 12 de julho de 1948.

Dois anos depois, em 1950, Castro Maya volta a desejar outras sociedades de bibliófilos. Em ata da quarta Assembléia Geral da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, Cypriano Amorooso Costa redige:

Atendendo aos desejos manifestados por diversos Associados, aventou Raymundo de Castro Maya a idéia de se fundar uma Sociedade como que paralela à nossa, vasada mais ou menos nos mesmos moldes, mas a que fosse permitido publicar obras de autores vivos: 'OS AMIGOS DO LIVRO'. (Pasta 100, doc. 16)

Percebe-se que a idéia foi de forma cortês declarada como desejo dos associados, mas é somente de Castro Maya, vista sua experiência em editar livros até então. E, como o projeto não foi adiante, em 1960 a Sociedade publica a obra de seu primeiro autor vivo: *Pasárgada*, de Manuel Bandeira (ver Tabela 2.2) O restante do documento discorre sobre outras inúmeras vantagens, como a economia de 50% para ambas as sociedades, pois utilizariam o mesmo serviço de secretaria. Enfim, a sugestão dos Amigos do Livro não passou dessa ata, mas registramos assim o caráter empreendedor de Castro Maya.

- 3 -

ACH
C-85
P-100
CC-16
F-23

Um assunto ainda, e que nos parece de molde a interessar os nossos Consocios, foi abordado na reunião de 14 de Dezembro. Atendendo aos desejos manifestados por diversos Associados, aventou Raymundo de Castro Maya a idéia de se fundar uma Sociedade como que paralela à nossa, vasada mais ou menos nos mesmos moldes, mas a que fosse permitido publicar obras de autores vivos: " OS AMIGOS DO LIVRO ".

Varias são as vantagens que apresenta a fundação dessa nova entidade. Raras as vagas que ocorrem entre os Cem Bibliófilos, numerosos os candidatos: poderiam eles desde já entrar para uma Sociedade congênere. Dadas as estreitas afinidades entre as duas, seria possível se não fundir, pelos menos organizar conjuntamente os serviços de Secretaria, de tal forma que daí resultasse economia de 50% para ambas, o que concorreria para que se mantivesse no nível atual a amizade ou talvez mesmo permitisse reduzi-la. Certas obras de autores vivos merecem indiscutivelmente esta consagração: uma edição de bibliófilos...

Estamos na fase inicial de consulta, pedindo e recebendo adesões para os Estatutos que seriam semelhantes aos de nossa Sociedade, ainda mais simples talvez: Desejaria figurar entre os AMIGOS DO LIVRO ? Devolva-nos devidamente preenchido, o boletim incluso.

Estimaríamos imensamente receber resposta sua à presente comunicação, dando-nos a seu modo de pensar acerca dos assuntos nela tratados, sugestões, críticas... encorajamento, enfim.

Seria grande obsequio:

Retirar o seu exemplar de " Inzã Homem ":

satisfazer a anuidade ora em cobrança, na importancia de CR\$----
-1.500,00.

Nossas muito atenciosas saudações

Pela Comissão Executiva

Cypriano Amoroso Costa

Cypriano Amoroso Costa

2.69 – Sugestão para criação da Sociedade Os Amigos do Livro. (pasta 100, doc. 16)

Em 1953, Castro Maya oferece, como presente de Natal, a obra *Os reis* (318x243 mm), ilustrada por Darel. O poema foi encomendado por Castro Maya a Augusto Frederico Schmidt. Em 1967, quatorze anos depois, outro título, *Ciclo da Moura*, do mesmo autor, é publicado pela Sociedade. Desta vez, Cícero Dias é quem ilustra.

Em 1961, Castro Maya oferece mais uma vez um livro como presente de Natal: *O pároco* (281x244 mm), de Coelho Neto. Castro Maya convida dois ilustradores, Darel e Hugo Mund, cada qual ficando com metade da tiragem. (Baraçal, 2001, p. 69)

Percebe-se que as mesmas pessoas transitam pelos Cem Bibliófilos e pelos outros projetos de Castro Maya. Tal fato confirma a hipótese de que a SCBB findou com a morte de Castro Maya. Era ele quem tocava o projeto, eram dele as iniciativas e as decisões finais.

2.5 Documentos referentes à SCBB

O Museu da Chácara do Céu guarda a documentação que restou do período em que a Sociedade existiu. Os documentos estão catalogados e distribuídos em cinco pastas, respectivamente 100, 101, 102, 103 e 104. A pasta mais volumosa é a 100, com 69 documentos, entre eles o *Estatuto*, as atas de assembléias, a lista dos associados, os recibos de salários, as prestações de contas com os membros, a importação de material. A pasta 101 guarda basicamente os arquivos sobre maquinário e contas com a Gráfica de Artes. A 102 é praticamente toda de documentos sobre a associação de Castro Maya com as sociedades francesas. Na pasta 103 estão catalogadas as cartas trocadas entre Castro Maya e Carybé – o bibliófilo guardava cópias das correspondências enviadas; desta forma, temos o registro de todo o intercâmbio. Finalmente, na 104, os documentos sobre a Compagnie des Bibliophiles de l'Amérique Latine.

Para facilitar o acesso aos documentos originais sem prejudicá-los, evitando possíveis problemas com manuseios exaustivos, optamos por criar um acervo digital, tal como foi feito como os 23 livros, em respeito à organização dos museólogos da Chácara do Céu. Fotografamos digitalmente, tratamos, nomeamos e catalogamos todo o conteúdo das pastas, como pode ser observado na Tabela 2.3. Em muitos casos, havia anotações no verso dos documentos, também fotografados. Logo, quando a nomenclatura do arquivo possuir um “f”, significará frente, e “v”, o verso.

Para dimensionar os gastos com a publicação da Coleção, descritos nos documentos, pesquisamos dados sobre o salário mínimo vigente na época. Anexamos a informação aos documentos.

Tabela 2.4 – Listagem dos documentos que restaram da SCBB.

Pasta 100	Data	Detalhamento
p100_doc01_f1de6	s.d.	Estatuto da SCBB (manuscrito)
p100_doc01_f2de6		
p100_doc01_f3de6		
p100_doc01_f4de6		
p100_doc01_f5de6		
p100_doc01_f6de6_f_a		
p100_doc01_f6de6_f_b		
p100_doc01_f6de6_v		
p100_doc02_f1de4	3/2/1966	Estatuto da SCBB (datilografado)
p100_doc02_f2de4		
p100_doc02_f3de4		
p100_doc02_f4de4		
p100_doc03_f1de3	19/8/1952	Ata da Assembléia Geral da SCBB
p100_doc03_f2de3		
p100_doc03_f3de3		
p100_doc04_f1de1	23/8/1956	Ata da Reunião da SCBB
p100_doc05_f1de1	12/12/1957	Ata da Reunião da SCBB
p100_doc06_f1de1	23/1/1958	Ata da Assembléia Geral Extraordinária da SCBB
p100_doc07_f1de2	9/12/1958	Ata da Reunião da SCBB
p100_doc07_f2de2		
p100_doc08_f1de2	26/6/1962	Ata da Assembléia Geral Extraordinária da SCBB
p100_doc08_f2de2		
p100_doc09_f1de1	26/6/1962	Ata da Assembléia Geral Extraordinária da SCBB (não é cópia)
p100_doc10_f1de1	1942	Boletim de Adesão à SCBB
p100_doc11_f1de2	s.d.	Texto datilografado sobre a fundação da SCBB (história), sem autor
p100_doc11_f2de2		
p100_doc12_f1de1	s.d.	Convite inscrição SCBB (anuidade de Cr\$ 1.000,00)
p100_doc13		O documento não constava na pasta
p100_doc14_f1de1	28/8/1951	Jantar para publicação da 6ª publicação: <i>O caçador...</i>
p100_doc15_f1de1	26/6	Pedido de O. Neiva aos bibliófilos para efetuarem o pagamento pelo livro de de J. Amado ilustrado por Di Cavalcanti
p100_doc16_f1de3	6/1/1950	4ª Assembléia Geral da SCBB (cita a sugestão da fundação de <i>Os Amigos do Livro</i>)
p100_doc16_f1de3		
p100_doc16_f2de3		
p100_doc16_f3de3		
p100_doc17_f1de1	3/11/1953	Carta de Cypriano para CM sobre compra de papéis

p100_doc18_f1de1	27/9/1956	Carta de Cypriano para D. Pedro de Orléans e Bragança
p100_doc19_f1de1	3/10/1956	Compra de tipos de impressão Caslon, Velho Romano, cb, c. 16
p100_doc20_f1de1	15/1/1958	Carta de Cypriano para D. Pedro de Orléans e Bragança
p100_doc21_f1de1	16/7/1962	Carta (falecimento de Cypriano), <i>Cadernos de João</i>
p100_doc22_f1de1	12/7/1967	Carta para D. Pedro (<i>Ciclo da Moura</i>); fala da desistência de sócios
p100_doc23_f1de5	s.d.	Colofão manuscrito de <i>Luzia-Homem</i> ; detalhe da marca Instituto de Estudos Brasileiros, RJ; colofão de <i>Canudos</i> , <i>O caçador de esmeraldas e Bugrinha</i>
p100_doc23_f2de5		
p100_doc23_f2de5_detalle		
p100_doc23_f3de5		
p100_doc23_f4de5		
p100_doc23_f5de5		
p100_doc24_f1de2	s.d.	Relação datilografada de todos os volumes publicados
p100_doc24_f2de2		
p100_doc25_f1de2	s.d.	Relação datilografada de todos os volumes publicados
p100_doc25_f2de2_f		
p100_doc25_f2de2_v		
p100_doc26_f1de5	s.d.	Lista de nomes datilografada em papel timbrado
p100_doc26_f2de5		
p100_doc26_f3de5		
p100_doc26_f4de5		
p100_doc26_f5de5_f		
p100_doc26_f5de5_v		
p100_doc27_f1de3	s.d.	Manuscrito (listagem dos livros)
p100_doc27_f2de3		
p100_doc27_f3de3		
p100_doc28_f1de7	22/11/1972	Lista datilografada dos sócios com endereço
p100_doc28_f2de7		
p100_doc28_f3de7		
p100_doc28_f4de7		
p100_doc28_f5de7		
p100_doc28_f6de7		
p100_doc28_f7de7		

p100_doc29_f1de7_f	18/9/1968	Lista mimeografada dos sócios com endereço
p100_doc29_f1de7_v		
p100_doc29_f2de7		
p100_doc29_f3de7		
p100_doc29_f4de7		
p100_doc29_f5de7		
p100_doc29_f6de7		
p100_doc29_f7de7		
p100_doc30_f1de7	22/11/1972	Lista datilografada dos sócios com endereço
p100_doc30_f2de7		
p100_doc30_f3de7		
p100_doc30_f4de7		
p100_doc30_f5de7		
p100_doc30_f6de7		
p100_doc30_f7de7		
p100_doc31_f1de2	s.d.	Exemplares numerados em algarismos romanos (papel timbrado)
p100_doc31_f2de2		
p100_doc32_f1de2	s.d.	Exemplares numerados em algarismos romanos (papel timbrado)
p100_doc32_f2de2		
p100_doc33_f1de1	s.d.	Exemplares numerados em algarismos romanos
p100_doc34_f1de1	s.d.	Talão de recibo de <i>Memória de um sargento de milícias</i>
p100_doc35_f1de1	11/2/1966	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc36_f1de1	5/4/1966	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc37_f1de1	30/6/1966	Recibo manuscrito Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc38_f1de1	30/8/1966	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc39_f1de1	30/9/1966	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc40_f1de1	28/10/1966	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc41_f1de1	29/11/1966	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc42_f1de1	29/12/1966	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc43_f1de1	30/01/1967	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc44_f1de1	27/2/1967	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc45_f1de1	30/3/1967	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc46_f1de1	28/4/1967	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini
p100_doc47_f1de1	30/5/1967	Recibo datilografado Darcy Vieira, Oswaldo Neiva, Cleanthes Gravini

p100_doc48_f1de1_f	s.d.	Despesas com execução de cautelas para CCI
p100_doc48_f1de1_v		
p100_doc49_f1de1	1965/1966	Despesas com a execução de cautelas para a CCI
p100_doc50_f1de1	s.d.	Balancete de <i>Canudos</i>
p100_doc51_f1de1	s.d.	Balancete de <i>Macunaima</i>
p100_doc52_f1de1	1/10/1968	Recibo pela compra de papel <i>Westerprint</i> para <i>O compadre de Ogun</i>
p100_doc53_f1de1_f	s.d.	Manuscrito de salários dos gráficos
p100_doc53_f1de1_v		
p100_doc54_f1de2_f	s.d.	Manuscrito de salários dos gráficos
p100_doc54_f1de2_v		
p100_doc54_f2de2_f		
p100_doc54_f2de2_v		
p100_doc55_f1de1	s.d.	Tabela manuscrita de gastos com gráfica
p100_doc56_f1de1	s.d.	Manuscrito de salários de gráficos
p100_doc57_f1de1_f	s.d.	Manuscrito de <i>As aparições</i>
p100_doc57_f1de1_v		
p100_doc58_f1de1	s.d.	Manuscrito de <i>As aparições</i>
p100_doc59_f1de1	1965/1966	Manuscrito de gastos com gráfica
p100_doc60_f1de2	s.d.	Cautelas da CCI
p100_doc60_f2de2_f		
p100_doc60_f2de2_v		
p100_doc61_f1de1_f	1966	C/c de CM com pessoal de impressão
p100_doc61_f1de1_v		
p100_doc62_f1de1	s.d.	Manuscrito de contas
p100_doc63_f1de4	s.d.	Manuscrito de contas
p100_doc63_f2de4		
p100_doc63_f3de4		
p100_doc63_f4de4		
p100_doc64_f1de4	26/8/1966	Manuscrito de cartas e contas
p100_doc64_f2de4		
p100_doc64_f3de4		
p100_doc64_f4de4		
p100_doc65_f1de1	s.d.	Guia de importação não preenchida
p100_doc66_f1de1	16/8/1966	Manuscrito (Darel liberando folhas para boneca de <i>Bestiário</i>)
p100_doc67_f1de1	s.d.	Manuscrito (<i>Montgoldfier</i> , lista de preço fabricante, taxa de importação)
p100_doc68_f1de1	s.d.	<i>Checklist</i> manuscrito sobre importação de papel

p100_doc69a_f1de1_a_copia	s.d.	Recorte de jornal. Título da matéria: <i>Uma doação valiosa</i>
p100_doc69a_f1de1_b_copia		
p100_doc69a_f1de1_c_copia		
p100_doc69a_f1de1_d_copia		

Pasta 101	Data	Detalhamento
p101_doc01_f1de2	27/4/1944	Ações subscritas da Gráficas de Artes Indústrias Reunidas S. A.
p101_doc01_f2de2		
p101_doc02_f1de1	1950/1951	Relatório de atividades da Gráficas de Artes
p101_doc03_f1de1	30/3/1951	Gráfica de Artes (ata da reunião)
p101_doc04_f1de1_f_alvara	22/11/1953	Alvará de Licença para localização
p101_doc04_f1de1_v_alvara		
p101_doc05_f1de1	4/11/1963	Título Agir (Artes Gráficas Indústrias Reunidas)
p101_doc06_f1de1	27/9/1963	Recibo Agir
p101_doc07_f1de1	27/9/1963	Recibo Agir
p101_doc08_f1de1_f	s.d.	Anúncio de impressora francesa para impressão de livros de luxo
p101_doc08_f1de1_v		
p101_doc09_f1de1_a	29/5/1963	Diário Oficial (Ata da Assembléia da Gráfica de Artes)
p101_doc09_f1de1_b		
p101_doc09_f1de1_c		
p101_doc09_f1de1_d		
p101_doc09_f1de1_e		
p101_doc10_f1de1	22/2/1951	Balanço geral de 1950 da Gráfica de Artes

Pasta 102	Data	Detalhamento
p102_doc01_f1de1	24/8/1944	Declaração de Matrícula
p102_doc02_f1de1	4/11/1945	Carta: Les Cent Bibliophiles
p102_doc03_f1de1	8/1/1946	Carta: Les Cent Bibliophiles
p102_doc04_f1de1	14/12/1954	Boletim de voto: Les Cent Bibliophiles
p102_doc05_f1de1_f	20/4/1959	Carta: Les Amis Bibliophiles
p102_doc05_f1de1_v		
p102_doc06_f1de1_f	12/11/1963	Carta: Les Amis Bibliophiles
p102_doc06_f1de1_v		
p102_doc07_f1de1	10/12/1963	Lista das imagens: Les Amis Bibliophiles
p102_doc08_f1de1	s.d.	Les Cent: Projeto de Fusão da Les Amis com Les Cent
p102_doc09_f1de1	s.d.	Lista de desenhos: Les Cent Bibliophiles

p102_doc10_f1de1	s.d.	Publicações disponíveis
p102_doc11_f1de1	7/4/1964	Les Amis Bibliophiles: Carta (cotização anual, 150 frs.)
p102_doc12_f1de1_f	8/11/1964	Les Amis Bibliophiles: Assembléia Geral, jantar 20 frs.
p102_doc12_f1de1_v		
p102_doc13_f1de1	15/12/1964	Les Amis Bibliophiles: Assembléia Geral, jantar
p102_doc14_f1de1	19/3/1965	Les Amis Bibliophiles: Carta (cotização anual, 150 frs.)
p102_doc15_f1de1	22/3/1965	Les Amis Bibliophiles: Carta (cobrança 150 frs.)
p102_doc16_f1de1	4/10/1965	Les Amis Bibliophiles: Carta (cotização 100 frs.)
p102_doc17_f1de1	1/10/1965	Bilhete de Pierre Lecuire, Paris
p102_doc18_f1de1	8/10/1965	Les Amis Bibliophiles: Carta (cotização 100 frs.)
p102_doc19_f1de1	9/6/1966	Les Amis Bibliophiles: Assembléia Geral, jantar 20 frs.
p102_doc20_f1de1_f	9/6/1966	Les Amis Bibliophiles: Assembléia Geral, jantar 20 frs.
p102_doc20_f1de1_v		
p102_doc21_f1de1	13/2/1967	Les Amis Bibliophiles: Carta (cotização anual 200 frs.)
p102_doc22_f1de1	21/6/1967	Les Amis Bibliophiles: Carta impressão e jantar
p102_doc23_f1de1_f	3/1968	Les amis: Fusão da Les amis com Les Cent
p102_doc23_f1de1_v		
p102_doc24_f1de1	3/5/1968	Castro Maya: resposta a carta (doc 23)
p102_doc25_f1de1_f	7/5/1968	Cópia do doc 23
p102_doc25_f1de1_v		
p102_doc26_f1de1	5/7/1968	Les Amis Bibliophiles: Carta (cotização anual 200 frs.)
p102_doc27_f1de2	7/1965	Folheto: <i>L'Art qui vient a l'avant</i>
p102_doc27_f2de2		
p102_doc28_f1de2	26/11	Convite Bibliophiles du Grenier
p102_doc28_f2de2		
p102_doc29_f1de1	9/6/1966	Recortado, Les amis: Carta (cotização anual 200 frs.)
p102_doc30_f1de1	s.d.	Les amis: participação da morte do presidente

Pasta 103	Data	Detalhamento
p103_doc01_f1de2	21/9/1955	Meu caro Caribé (RJ, carta de CM)
p103_doc01_f2de2		
p103_doc02_f1de1	6/10/1955	Meu caro Castro Maya (BA, carta de Carybé)
p103_doc03_f1de2	20/10/1955	Meu caro Caribé (RJ, carta de CM)
p103_doc03_f2de2		
p103_doc04_f1de1	24/10/1955	Amigo Castro Maya (BA, carta de Carybé)
p103_doc05_f1de2	22/11/1955	Meu caro Caribé (RJ, carta de CM)
p103_doc05_f2de2		

p103_doc06_f1de2	11/1955	Amigo Castro Maya (BA, carta de Carybé)
p103_doc06_f2de2		
p103_doc07_f1de1	4/1/1956	Amigo Raymundo (BA, carta de Carybé)
p103_doc08_f1de1	4/8/1956	Amigo Castro Maya (BA, carta de Carybé)
p103_doc09_f1de1	17/8/1956	Amigo Raymundo (BA, carta de Carybé)
p103_doc10_f1de1	20/8/1956	Meu caro ROCM (SP, Alexandre Marcondes Filho)
p103_doc11_f1de1	24/8/1956	Meu caro Caribé (RJ, carta de CM)
p103_doc12_f1de1_f	30/8/1956	Amigo Raymundo. Meu abraço (BA, carta de Carybé)
p103_doc12_f1de1_v		
p103_doc13_f1de1	13/9/1956	Meu caro Caribé (RJ, carta de CM)
p103_doc14_f1de1	27/9/1956	Meu caro Caribé (RJ, carta de CM)
p103_doc15_f1de1	s.d.	Caro Raymundo (BA, carta de Carybé), manuscrito
p103_doc16_f1de1_f	1/10/1956	Amigo Raymundo (BA, carta de Carybé)
p103_doc16_f1de1_v		
p103_doc17_f1de1	5/10/1956	Meu caro Caribé (RJ, carta de CM)
p103_doc18_f1de1	30/10/1956	Meu caro Caribé (RJ, carta de CM)
p103_doc19_f1de1	22/11/1956	Prezado amigo Caribé (RJ, carta de CM)
p103_doc20_f1de1	15/1/1957	Ao Exmo. Sr. Dr. CM (RJ, carta de Carlos Oswald). Pedido de devolução de prensa emprestada
p103_doc21_f1de1	31/1/1958	Ilmo. Sr. Dr. CM (RJ, carta de Carlos Oswald)
p103_doc22_f1de1	11/12/1961	Prezado amigo e Sr (CM), (Paris, Platzer & Cie)
p103_doc23_f1de1	11/12/1961	Cópia doc. 22
p103_doc24_f1de1	17/8/1962	Prezado amigo e Sr (CM), (Paris, Platzer & Cie)
p103_doc25_f1de1	28/8/1962	Carta para Paris, Platzer & Cie sem assinatura (encadernação em Paris)
p103_doc26_f1de1	21/8/1962	Carta da <i>Cia. Industrial da Bahia</i> (pgto à Carybé)
p103_doc27_f1de1	14/8/1962	Recibo envio pgto Carybé
p103_doc28_f1de1	20/8/1962	Recibo recebimento pgto Carybé (assinatura ilegível)
p103_doc29_f1de1	4/5/1964	cópia, Meu caro Caribé (carta de CM)
p103_doc30_f1de1	3/2/1964	Les Amis: Monsieur ROCM
p103_doc31_f1de1	12/1/1966	Cópia doc. 32
p103_doc32_f1de1	12/1/1966	Carta para Paris de CM
p103_doc33_f1de1	20/5/1968	Cie. des Bibliophiles du Livre d'Art de l'Amérique Latine
p103_doc34_f1de1	13/6/1968	Cie. des Bibliophiles (recibo 300 frs.)
p103_doc35a_f1de1	13/5/1960	Casa Vallette, RJ (recibo para SCBB de encadernação)
p103_doc35b_f1de1		

Pasta 104	Data	Detalhamento
p104_doc01_f1de1	18/3/1957	Fusão de Cie. da Société du Livre d'Art com a Compagnie des Bibliophiles de l'Amérique Latine
p104_doc02_f1de3_f	s.d.	Cie. [...] l'Amérique Latine, Liste de Membres datilogr.
p104_doc02_f1de3_v		
p104_doc02_f2de3_f		
p104_doc02_f2de3_v		
p104_doc02_f3de3_f		
p104_doc02_f3de3_v		
p104_doc02a_f1de2_f	s.d.	Cie. [...] l'Amérique Latine, Liste de Membres impressa
p104_doc02a_f1de2_v		
p104_doc02a_f2de2_f		
p104_doc02a_f2de2_v		
p104_doc03_f1de1	22/10/1958	Cie. [...] l'Amérique Latine, Cotização de 58, 10.000 frs.
p104_doc04_f1de1	7/3/1959	Cie. [...] l'Amérique Latine, Cotização de 59, 10.000 frs.
p104_doc05_f1de1	22/3/1966	Cie. [...] l'Amérique Latine, Cotização de 66, 150 frs.
p104_doc06_f1de1_f	2/5/1967	Cie. [...] l'Amérique Latine, Cotização de 67, 150 frs.
p104_doc06_f1de1_v		
p104_doc07_f1de1	2/5/1967	Pgto., Cie. [...] l'Amérique Latine, Cotização de 67, 150 frs.

3. A produção

Fazer livro é um trabalho sem fim.
(Eclesiastes, capítulo XII, in Bury, 2004, p. 136)

3.1 *Livre d'artiste*

De acordo com Lessa (2003, p. 110), “O início da produção de *livres d'artiste* no Brasil é marcado pela atuação de Raymundo de Castro Maya, que, na década de 1940, promove a fundação da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.” Araújo (1986, p. 526) complementa, explicando o que é um livro de tal naípe: “*livre d'art* ou *livre d'artiste*, em que a imagem ou se bastava a si própria ou concorria em pé de igualdade com o texto”. Lessa ainda inclui outras publicações nesta categoria:

O Gráfico Amador, guardadas suas especificidades, se inscreve nessa tradição. Com também se inscrevem a Philobiblion, a Hipocampo e a Alumbramento, no Rio de Janeiro; a Noa Noa, em Florianópolis; as edições de Julio Pacello em São Paulo; a Macunaíma e a Dinamente, em Salvador e outras. (Mindlin, 1994, in Lessa, 2003, p. 110)

Portanto, os livros da Coleção dos Cem Bibliófilos podem ser classificados como *livres d'artiste* ou “livros de artista”. Para eles, foram escolhidos ilustradores de “primeiro time”, ao mesmo nível dos autores dos textos que ilustram. Dessa forma, podemos dizer que a Coleção possui dois discursos, autônomos e paralelos. Em outras palavras, cada um dos livros ultrapassa em muito a condição de objeto que tem a função a ser lido, ganhando um status de verdadeira obra de arte.

É interessante ressaltar que, ainda hoje, existem produções semelhantes, como, por exemplo, os livros editados pela Confraria dos Bibliófilos do Brasil, dirigida pelo engenheiro José Salles Neto, desde 1995, com sede em Brasília. Assim como a SCBB, estas publicações utilizam artistas notáveis, incluindo até mesmo alguns que ilustraram para a Sociedade, como Darel Valença LIns, Poty Lazzarotto, Babinsky e Marcello Grassmann.

3.2 A produção de livros no Brasil até os anos 40

Há necessidade de se estudar o design de livros da época para averiguar o que dizem diversos autores. A grande maioria considera que, até a década de 30, o livro brasileiro estava aquém em qualidade de impressão em relação aos do exterior, principalmente da Europa. Paraphrasing Rubens Borba de Moraes (1899/1986), o Brasil é um “País novo, onde o prelo só foi introduzido definitivamente em 1808 [com a chegada da Corte portuguesa e com o estabelecimento da Família Real no Brasil], país subdesenvolvido, onde a indústria editorial só progrediu muito mais tarde.” (Moraes, 2005, p. 107) O marco oficial (há pesquisadores que comprovam outros impressos) foi a inauguração da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, a partir de 1808, e na Bahia, a partir de 1811. Ambas as oficinas funcionaram até a Independência. As gráficas se espalharam pelo país. Muitas vezes os livros eram impressos em tipografias de jornais e revistas.

Sob o ponto de vista tipográfico, não há a menor dúvida de que os impressores de hoje [da época de Rubens Borba] teriam muito o que aprender, vendo os livros e folhetos da Imprensa Régia. Esses compositores anônimos, vindos de Portugal, conheciam o métier. Eram mestres. Sabiam escolher tipos, paginar, compor uma página de rosto. Com poucos recursos obtinham efeitos admiráveis. Certas obras impressas nessa época são obras-primas de tipografia. Nunca mais se fez coisa igual no Brasil. (Moraes, 2005, p.193)

Monteiro Lobato é um dos primeiros a incentivar a produção nacional, contratando Wasth Rodrigues, Antônio Paim e Belmonte para ilustrar os livros de sua editora. Sua frase “Um país se faz com homens e livros” torna-se (alguns anos mais tarde) lema adotado para a Livraria José Olympio Editora. (Hallewell, 2005, p. 417) Nos anos 40, houve uma revolução estética do livro no Brasil, iniciada pelo ilustrador e diagramador Santa Rosa, na Editora José Olympio. Outras gráficas apostaram em uma melhor apresentação gráfica para seus livros: Livraria Martins Editora, Companhia Editora Nacional.

[As] mudanças de ordem gráfica acabariam vindo com o tempo, e, em geral, inspiradas em obras francesas, cujas edições de luxo despertavam a admiração dos editores e do público. José Olympio foi o primeiro a atentar para a questão. Na verdade, ele e seu colaborador Tomás Santa Rosa foram os responsáveis pela primeira revolução estética no mercado editorial brasileiro, que daria aos livros capas mais sofisticadas, ilustrações e leveza. (Paixão, 1996, p. 118)

E, em plenos anos 40, em 1943, foi fundada a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. O grande diferencial estava na produção dos livros, totalmente editados em território nacional. Da escolha do título à produção, os exemplares eram completamente impressos no país. Existir uma coleção como a CCBB naquele momento foi muito importante para a solidez de um corpo de ilustradores que estavam elevando a qualidade da produção brasileira. Como descreve *Momentos do livro no Brasil*, sobre a história da edição no Brasil, publicado pela editora Ática em 1996, por comemoração de seus 30 anos de atividade: “O casamento entre literatura e artes plásticas deu tão certo que até hoje este [anos 40] é considerado o período áureo da ilustração de livros no Brasil.” (Paixão, 1996, p. 122)

Os mesmos artistas que trabalhavam nos livros do mercado editorial também atendiam às produções de arte da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Santa Rosa e Poty foram os principais ilustradores e capistas da Editora José Olympio na década de 40 e ambos prestaram serviço para a SCBB. Santa Rosa ilustrou o segundo livro, *Espumas fluctuantes*, de Castro Alves, com término de impressão em 1947, e Poty ilustrou dois livros, o décimo e o décimo nono, respectivamente *Canudos*, de Euclides da Cunha, e *Quatro contos*, de Machado de Assis.

3.3 O conceito editorial

A SCBB fez seus livros nos moldes da bibliofilia. Fato que pode ser verificado através da carta-convite enviada aos futuros associados, através dos itens sublinhados.

Exmo. Snr.

A comissão abaixo assinada, desejosa de incrementar entre nós o amor aos belos livros, teve a idéia de fundar a “Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil”.

Esta Sociedade, nos moldes das que existiam na Europa, tem por fim editar um livro por ano da nossa literatura, impresso em papel de luxo, com ilustrações de artistas nacionais, trazendo cada volume o nome do subscritor. A edição será limitada a 120 exemplares, 100 para os sócios e 20 para as bibliotecas nacionais. Na reunião da apresentação do livro, que terá lugar no fim de cada ano, serão vendidos em leilão entre os sócios os originais e destruídas as placas que serviram à gravação.

A subscrição anual será de Cr\$ 1.000,00 visto ir cerca de Cr\$ 100.000,00 o custo de cada edição. (pasta 100, doc. 12, pág. 1 de 1)

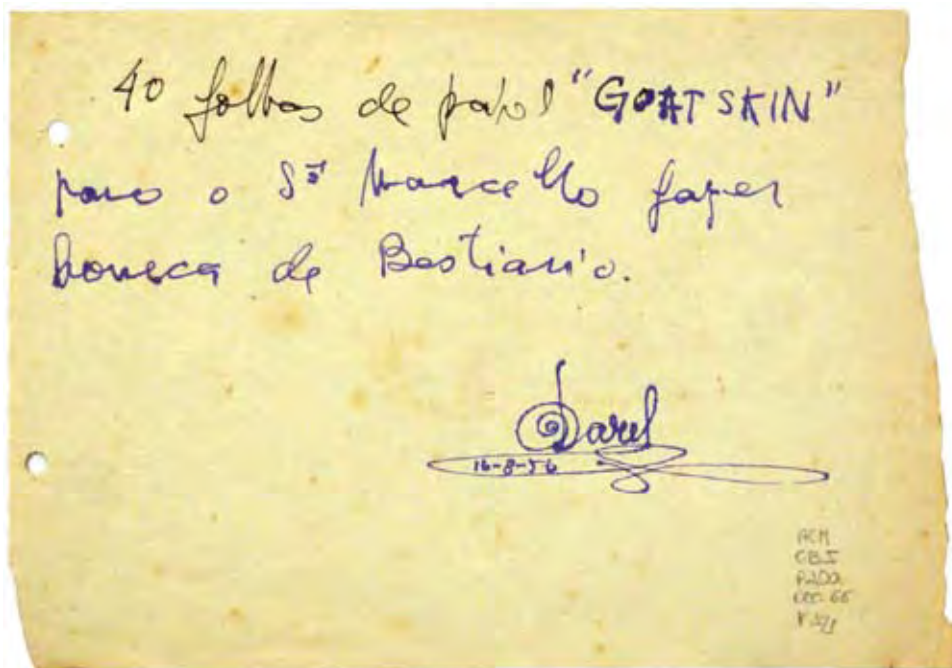
Busca por textos de qualidade e raros, pequena tiragem, cuidado na escolha dos papéis, ilustrações (formação de imagens) exclusivas com a destruição das matrizes: alguns dos elementos capazes de tornar um livro recém-editado raro.

Pequena tiragem. A tiragem dos livros era extremamente limitada, variando entre 119 e 120 exemplares, o que lhes conferia raridade, como já mencionado. Cabe ressaltar que a decisão foi por opção, e não por falta de recursos. Além disso, cada livro tinha seu destino personalizado. Eram produzidos 100 numerados, um para cada associado. O restante da tiragem era identificado com letras e doado para bibliotecas e museus de renome, como a Academia Brasileira de Letras, a Biblioteca Nacional de Paris e o Metropolitan Museum de Nova Iorque. A exceção fica por conta dos 140 exemplares do livro *Hino Nacional Brasileiro*, de Osório Duque-Estrada, publicado em 1968.



3.1 – Carta-convite para inscrição na SCBB, s.d. (pasta 100, doc. 12, pág. 1 de 1)

Escolha dos papéis. Os papéis contêm uma característica específica: folhas com gramatura em torno de 180g, opacas, ásperas e com textura rugosa, tipo *canson*, dos fabricantes franceses Vélin d'Arches (o mais utilizado), Rives e Marais – os mesmos fornecedores da sociedade bibliófila francesa. Todos esses papéis possuem marca-d'água, sendo que a coleção francesa chegou ao purismo de encomendar papéis exclusivos somente para sua produção, com marca-d'água personalizada.



3.2 – Darel pedindo papel para execução de boneca de *Bestiário*, 16/8/56. (pasta 100, doc. 66, pág. 1 de 1)

Formação de imagens (ilustração). Consideramos formação de imagens a produção de ilustração com todas as prerrogativas técnicas necessárias à reprodução. Para livros como os publicados pela Sociedade, o valor está na ‘gravura’ (ilustração) impressa em prelos manuais combinada com o texto do miolo e em papéis especiais. As imagens (ilustrações) impressas por clichês ou em offset não terão o mesmo valor porque não possuem o status da obra de arte.

Foram publicados 23 livros no Rio de Janeiro, ao longo de vinte e seis anos, de 1943 até 1969. Praticamente um livro a cada ano. Participaram 17 artistas. Alguns ilustraram dois livros. É o caso de Portinari, Darel e Poty. Observa-se, no entanto, o cuidado em evitar que colaborassem em anos consecutivos. O intervalo foi de dezesseis, sete e nove anos, respectivamente. Portinari inaugura a Coleção ilustrando a primeira publicação, de 1943, *Memórias Phostumas de Braz Cubas*, e, dezesseis anos depois, ilustra a décima terceira, de 1959, *Menino de engenho*. Darel inicia sua atuação como ilustrador na oitava publicação, de 1954, *Memórias de um sargento de milícias*, e, sete anos após, participa no décimo quinto livro, de 1961, *Poranduba amazonense*. Darel somente ilustra *Poranduba* porque Goeldi, o artista contratado, morre sem finalizar a obra. Darel, como era amigo pessoal de Goeldi e tinha assumido com Castro Maya a responsabilidade realizar o livro, resolve ilustrar tudo de novo, desde o início (os Museus Castro Maya não possuem o material realizado por Goeldi). E, finalmente, Poty estréia

com *Canudos*, a décima publicação, em 1956, e, nove anos depois, em 1965, ilustra *Quatro contos*, a décima nona. Os grandes intervalos mostram que os laços entre Castro Maya e os artistas eram duradouros.

Os ilustradores da coleção eram artistas plásticos renomados e traduziram o desejo de Castro Maya, na medida em que complementaram os textos com imagens significativas. No décimo segundo livro, de 1958, *Bestiário* – trechos do tratado descritivo do Brasil em 1587 –, Marcello Grassmann capta a essência fantástica das descrições que Gabriel Soares de Sousa faz da fauna brasileira, e ilustra o livro como se estivesse no Brasil de outrora, transmitindo a seu traço todas as hipérboles do texto.



3.3 – Ilustração de tatus “exóticos”, 12º livro, *Bestiário*, de 1958, ilustração de Marcello Grassmann.

Tal e qual no modelo francês, também era enaltecida pela Sociedade dos Cem Bibliófilos a destruição das matrizes das ilustrações, ao final da produção. Dessa forma é eliminada toda e qualquer possibilidade de reimpressão. A singularidade, expressa nos colofões dos livros, denotava o luxo de ser proprietário de uma obra de tiragem única.

Além disso, entre 23 livros, há um com ilustrações colorizadas a mão, uma a uma – embora isso não tenha sido proposital. Só aconteceu porque Castro Maya pediu para esta obra ilustrações coloridas (até então, todos os livros tinham ilustrações impressas em preto). O ilustrador Darel Valença Lins, como não sabia gravar em cores na época, o fez a seu modo. Isto é, gravou as ilustrações em preto e coloriu, com aquarela, cada uma das imagens de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida. O projeto lhe custou dois anos, finalizado em 1954: “ele queria que eu fizesse em cor. (...) Eu me propus a fazer, e fiz sete mil gravuras à mão”. (informação verbal)¹

¹ Depoimento dado durante entrevista em sua residência no Rio de Janeiro, em 17 de novembro de 2007.

Os ilustradores eram contratados para realizarem gravuras originais que fariam parte do livro. Pelo que conferimos nos documentos, os desenhos desenvolvidos pelos artistas eram posteriormente leiloados, para obtenção de recursos para a publicação do livro seguinte. A figura 3.3 é um pedido de papel do Diretor Técnico Darel, para que Marcello Grassmann viesse a desenvolver a boneca. O livro *Bestiário* ficaria pronto somente em 1958. Conforme Darel descreve:

Nós fazíamos os estudos e, depois, no dia do lançamento, Raymundo de Castro Maya fazia um grande leilão no Country Club. E este leilão revertia em dinheiro para ele comprar papéis na França, essa coisa toda. Porque ele, além de ser um homem de muito bom gosto, tinha um grande talento para fazer negócios, não jogar dinheiro fora. Então, sabia fazer o jogo todo, compreende? Esses leilões revertiam em benefício dos bibliófilos. Porque ele empregava este dinheiro, para não tirar o dinheiro do bolso dele, para fazer o próximo livro. (informação verbal)²



3.4 – Boneca de *Poranduba amazonense*, acervo do Museu da Chácada do Céu, 10/1/2008.



3.5 – A mesma ilustração finalizada. 15º livro, *Poranduba amazonense*, de 1961, ilustração de Darel, págs. 24 e 25.

2 Depoimento dado durante entrevista em sua residência no Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 2007.



3.6 – Diferença entre as aquarelas: 15º livro, *Memórias de um sargento de milícias*, de 1954, ilustração de Darel, pág. 5, do Acervo da ABL (esquerda, letra G; o da direita foi impresso para o bibliófilo nº 9, Oswaldo Aranha).



3.7 – Diferença entre as aquarelas: 15º livro, *Memórias de um sargento de milícias*, de 1954, ilustração de Darel, pág. 22, Acervo da ABL (esquerda, letra G; o da direita foi impresso para o bibliófilo nº 9, Oswaldo Aranha).

Disponibilizamos as correspondências trocadas entre Castro Maya e Carybé para a execução do décimo primeiro livro. Nas cartas, podemos vislumbrar as negociações feitas, desde o contato inicial aos acertos com as imagens, negociação de prazos e preços.

FCM
CB-III
P. 103
DOC. 1
F. 2/2

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1955.

Meu caro Caribé.

Muito agradeço sua carta de 12 do corrente.

A minha casa parece uma "Exposição Caribé" lá estão os maravilhosos desenhos para Macunaima e a grande pasta das aquarelas do Candomblé que me foram entregues ontem pelo Sr. Arnaldo Pedroso d' Horta.

Antes de falar de cada um, quero felicita-lo pelo extraordinario trabalho pelo qual estou maravilhado.

Vamos falar agora de cada um:

MACUNAIMA - A Sociedade dos Cem Bibliofilos que está executando o Diário de Euclides da Cunha sobre Canudos, com aguas-fortes de Poty, está pensando para o proximo livro editar Macunaima com os seus desenhos. Já nos comunicamos com os herdeiros de Mario de Andrade e com a livraria Martins que nos autorizaram a publicar o texto.

Venho agora consulta-lo:

1º - Quais as condições que poderiam ser aproveitados os seus desenhos ?

2º - Como poderemos fazer esta edição ?

3º - Quem gravaria as placas das aguas-fortes ? (pois numa edição de bibliofilos não se pode pensar em outra formula como off-set, placa de zinco etc.) Além disso gostaríamos que fossem re-produzidos os seus desenhos tal qual como foram executados; teríamos que fazer primeiro uma boneca e junto consigo resolver qual o melhor aproveitamento.

São estas as perguntas que aguardo resposta.

ALBUM DO CANDOMBLÉ - Para se fazer uma reprodução realmente boa a meu ver somente na Europa; vou fotografar uma ou duas aquarelas e mandar consultar a pessoa que está fazendo o meu Debret em Paris, para saber quanto custaria cada reprodução pelo sis-

FCM
CB-III
P. 103
DOC. 1
F. 2/2

- 2 -

tema fototipia e "pochoir".

Logo que tiver uma resposta lhe comunicarei para ver se é possível realizar a publicação deste album que a meu ver teria um enorme sucesso.

Uma das dificuldades é a obtenção do cambio, mas creio que pelo "livre" não ficaria muito caro e cada subscritor pagaria os direitos do album na sua chegada por intermedio de algum livreiro.

Quanto ao painel do Banco Português, pelo projeto de decoração, ele deverá ocupar toda a parede conforme o pequeno croquis anexo.

Esperando ter suas noticias em breve, envio um abraço do amigo

3.8 – Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1955. "Venho agora consultá-lo."
(pasta 103, doc. 1, págs. 1 e 2)

AK
CC II
R.D.3
Doc. 2
F. 1/4

Bahia 6 de Outubro de 1955

Meu caro Castro Maya.

Chegando de uma breve "entrada" que fizemos com o Mario no sertão de Tucano, tive hontem o prazer de sua carta cheia de boas noticias e cá estou respondendo os pontos sobre os quais me consulta.

Acho que os desenhos podem ser aproveitados integralmente pois os fiz num estilo que se presta muito bem para aguaforte e acho que, modestia a parte, a pessoa mais indicada para fazer as gravuras sou eu mesmo pois esse foi um trabalho que fiz cheio de entusiasmo pelo descobrimento de certas afinidades com o Herói sem nenhum caráter e com seu pai, o velho Mario de Andrade.

Não tenha duvidas enquanto a reprodução "tal qual como foram executados" pois passarei os desenhos para a chapa sem alteração nenhuma pois eu acho que é um trabalho de muita unidade e impossível modifica-lô. (58)

Quanto ao preço, proponho para as cincoenta e oito gravuras a importancia de cento e cinquenta mil cruzeiros, deixando a vosso cargo a tiragem das mesmas. A boneca estaria a vosso critério sendo que o tamanho deveria resultar das dimensões dos originais em vosso poder.

Sobre o documentario de Candomblé estou exultante com a probabilidade de ver esse trabalho editado, estou trabalhando nas pranchas que faltam e para isso não saio de dentro dos terreiros, com grande perigo para meu fígado devido ás "comidas de santo" mas amigo Castro Maia estou muito contente e cheio de alegria com as probabilidades que me offerece e me despeço com um bruto abraço.

Seu amigo
CA 232

3.9 – Bahia, 6 de outubro de 1955. "Quanto ao preço." (pasta 103, doc. 2, pág. 1 de 1)



3.10 – Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1955. “Aproveitei o domingo para estudar a boneca de *Macunaíma*.” (pasta 103, doc. 3, págs. 1 e 2)

ACM
 CB-IX
 RJSS
 Doc. 4
 F. 1/2

CARIBÉ

Bahia 24 de Outubro de 55

Amigo Castro Maya.

Hoje chegou sua carta e cá estou ao pé da máquina.

Sobre a questão do preço não tenho inconveniente nenhum em reduzi-lo. Pedí um pouco caro porque não sabia que o Simeão, o magnífico Simeão, cedesse os desenhos para a sociedade dos Cem Bibliófilos e justamente para descontar a vantagem que os outros ilustradores levavam no leilão dos originais é que carreguei no preço.

Proponho cem mil cruzeiros pelas gravuras e aceito contra propostas ou melhor, deixo isso em suas mãos sempre que a importância se aproxime dos cem. Assim evitamos cartas que para mim são coisa difícil.

A placa dos "Amigos da Gravura" entra amanhã no ácido e espero enviá-la para os primeiros dias de Novembro, demorei porque fiz uns ensaios para manchar a mão.

Estou um verdadeiro Babalôrixá, catando cerimonias em todos os cantos da bahia para, se a edição do documentário de candombé der certo estar com as estatuas que faltam prontas.

Seja mais e agradeço suas gentilezas para comigo receba um abraço amigo de

CARIBÉ

Pessoa que até fazendo descorajação Banco
 Humberto Lemos Lopes.
 Edj. Corrêa Ribeiro, 31/anda, sala 7

3.11 – Bahia, 24 de outubro de 1955. “Proponho cem mil cruzeiros para a gravura e aceito contra-propostas ou melhor, deixo isto em suas mãos.” (pasta 103, doc. 4, pág. 1 de 1)

RX
C37
P.X2
OR.5
F. 22

Rio de Janeiro, 22 de Novembro de 1955

Meu caro Caribé,

Aproveitei os dias angustiosos que passamos, para trabalhar na "boneca" de Macunaíma; já está quasi terminado e em breve mandarei para dar o seu parecer.

Como os capítulos variam, uns maiores outros menores, penso que talvez não se aproveite todos os desenhos pequenos; os grandes entretanto serão todos aproveitados podendo portanto, quando quiser, dar início a gravação das placas que deverão ter mais ou menos, 0,40 x 0,30 para quando imprimir não deixar a marca na pagina.

Deixo a questão do preço para a proxima ~~reuniao~~ pois ainda não sei quantas serão ao todo as aguas fortes.

Mas o motivo principal da carta, é o estudo do "Candomblé". De Paris me escrevem falando sobre o tamanho pois acham muito exagerado as dimensões que eu dei de 0,56 x 0,45, visto que as aquarelas tem somente, mais ou menos, 0,20 x 0,10; acham a margem exageradissima o que vai encarecer muito não só a obra, como os "direitos" aduaneiros que são pagos pelo peso. Aconselham para o album as dimensões de 0,38 x 0,28. Qual a sua opinião? É ao artista que cabe a ultima palavra.

Tambem o numero de exemplares varia muito; é preciso saber se no caso de fazer a edição fariam em 300, 500 ou 1.000.

No periodo perturbado que vivemos não se pode garantir

RX
C37
P.X2
OR.5
F. 22

- 2 -

nada sobre o cambio entretanto para você ter uma idéa o custo seria tomado por base o cambio livre, isto é, o album entregue em Paris.

Para o tamanho grande - 56 x 45.

Em 300	-	1.000
Em 500	-	850
Em 1.000	-	750.

Para o tamanho pequeno - 38 x 28

Em 300	-	800
Em 500	-	700
Em 1.000	-	600

Estes preços são para reprodução em papel Arches de 240 grammas por metro quadrado com a reprodução ao pochoir em cores.

Aguardo os seus "palpites" para prosseguir nos estudos.

Um abraço do amigo

3.12 – Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1955. “Aproveitei para trabalhar na boneca de *Macunaíma*”. (pasta 103, doc. 5, págs. 1 e 2)

ACB
CB II
P.103
Doc 6
F. 47

Bahia, Novembro de 1955

Luiz Santana 7

Amigo Castro Maya.

Já recebi os originais de Macunaima e sua carta do dia 22 com a grata notícia de poder começar as gravuras.

Providenciarei logo o metal cortado na medida 30x40 e darei início às gravuras. Estou ansioso de ver o livro editado pois estou nessa espera há muito tempo e penso que "lá nos vastos campos do céu" o Mario também estará com um sorriso largo de alegria.

Com respeito ao livro de Candomblé penso que o tamanho pequeno é mais maneiro, seria um livro comodo, que cabe bem numa estante e fácil de se apreciar, de se ter em mão.

O tamanho grande seria mais magentoso e cria uma das únicas vantagens seria a possibilidade de venda para, destacando as gravuras, usal-las para decoração, como se faz com as de passáros hoje. Mas isso a meu modo de ver não é muita vantagem pois como livro seria incomodo, grande de mais e na maioria das casas deveria estar deitado sobre um novel e não numa estante de biblioteca que é casa de livro.

Eu por cá irei fazendo as pranchas que faltam, não são muitas faltam algumas lendas e a "ferramenta" de alguns Orixás.

Logo que se chegar a algo de concreto farei o texto, será breve, indicações precisas e uma lenda de cada um, pois as lendas são interessantes. Ficaria assim cada orixá com 5 pranchas: 1ª - as ferramentas (símbolos dos Orixás) 2ª-3ª- Vestimenta dos orixás -4ª -Orixá dançando -5ª - Festa específicas do Orixá. Os Orixás não são mais ou menos 16. Haveria algumas pranchas importantes para o traxê (funeral) e outras cerimoniais, assim como os Rituais (muito dos mortos necessáreis) de Itaparica.

ACB
CB II
P.103
Doc 6
F. 47

Castro Maya, considero a publicação deste livro muito importante pois se trata de uma coisa que não durará muito, logo que as velhas filhas de africanas desaparecerem o Candomblé entrará numa fase de decomposição para adaptar-se à época e perderá muito pois a gente nova, aqui mesmo, fazem um pouco de carnaval, com índios espalhados de espandores e figuras inspiradas no cinema. O trabalho meu é um documento do verdadeiro candomblé pois só deixo nas casas mais antigas e tradicionais de Bahia.

Tomai contato com o arquiteto e estou refazendo o projeto para o painel pois eu tinha feito com a maior dimensão na vertical e é ao contrario. Costei bastante das soluções para novelas e decoração que ele projetou. Setes dias mandarei o estudo definitivo.

Receba um grande abraço deste seu amigo

CAZBE

3.13 – Bahia, novembro de 1955. “Já recebi os originais de *Macunaima*.” (pasta 103, doc. 6, págs. 1 e 2)

RCM
C.B.IX
P.103
Doc. 7
F. 1/1

Bahia 4 de Janeiro de 1956

Amigo Raymundo.

Cá estou, um pouco atrasado, desejando-lhe um felicíssimo 1956 cheio de bons negócios e belas edições.

Ainda em 1955 nas reuniões com Matthey, estudamos a boneca do Macunaima e com referencia ao capítulo XV achamos melhor, para que termine na pagina par, fazer as gravuras grandes e suprimir as pequenas. Ai tomamos um uisque á vontade na bela varanda, brindamos pelo ano novo e eu vim para casa com vontade de começar logo as gravuras.

Hó hontem pude livrar-me de pequenos trabalhos que atrapalhavam meu tempo, por isso é que esta carta vai um pouco atrasada.

Castro Maia o livro levará ao todo 46 pranchas de 0,40x0,30 para que sobre mais ou menos um centimetro de cada lado do papel, eu queria comprar todo o material de uma vez para assim começar as gravuras de um estirão. Como é de praxe os bibliófilos pagarem esse material lhe peço o favor de enviar-me dez contos para eu ir comprando, aqui o preço está de \$150,00 o Kilo. Não sei se no Rio o preço é melhor, se somado ao transporte compensa, era bom mandarem de lá, enfim sobre esse ponto espero sua resposta.

Ha novidades sobre o de Candonbléf? Eu já estou trabalhando nas gravuras que faltam e colhendo o material para o texto assim, se o livro puder ser editado a coisa anda mais ligeiro.

Por hoje o deixo esperando resposta sobre o material e aqui fico á sua disposição

Seu amigo

CAB, 3¹
Largo Santos 7
Rio Vaucluse

3.14 – Bahia, 24 de janeiro de 1956. “Castro Maya, o livro levará ao todo 46 pranchas de 0,40 x 0,30 para que sobre mais ou menos um centímetro de cada lado do papel, eu queria comprar todo o material de uma vez para assim começar as gravuras de um estirão. Como é de praxe os bibliófilos pagarem esse material lhe peço o favor de enviar-me dez contos para eu ir comprando...” (pasta 103, doc. 7, pág. 1 de 1)

FFM
C.B. IV
P.103
Doc. 8
F. 2/1

Bahia 4 de Agosto de 1956

Amigo Castro Maya.

Lá vão quatro chapas do Macunaíma, demorei um pouco nesta remessa porque estava atracado com o painel do Banco Portugues, agora estou na fase de acabamento e terei mais tempo para as gravuras. Já começaram a composição? Quando estiver composto algum capítulo gostaria de receber a medida das gravuras pequenas, assim adiantariamos muito e o livro ia ficando pronto.

O painel está ficando bom e eu continuarei trabalhando nele até a inauguração para ir afinando tudo. Espero que na inauguração tenhamos o prazer de ve-lo por estas bandas e bater uns longos papos .

Vou fazer-lhe um pedido e desde já peço-lhe desculpas pela massada. Queria, se fosse possível, que falasse com o pessoal dos Amigos da Gravura para que me remetessem a importancia da gravura por eles aprovada. Não gosto de fazer isso mas sou obrigado porque a construção de minha casa é uma especie de sumidouro dos cobres que ancoram neste porto. Fico-lhe muito grato e torno a pedir desculpas.

Dentro de uns dias farei outra remessa de gravuras . O Mario voltou de uma expedição até o Piauí é cata de umas cidades fenicias que diz que os proprios fundaram por aqui, depois de dez mil kilometros tirou a limpo que é tudo imaginação dos viajantes de principio do século, são erosões que de longe assemelham a castelos, palacios ou vilas.

Mando-lhe um abraço enorme e até breve.

Seu amigo de terra e mar

CAP 3 2

Largo de Santana 7
Rio Vermelho
Salvador

3.15 – Bahia, 4 de agosto de 1956. “Lá vão quatro chapas de *Macunaíma*.” (pasta 103, doc. 8, pág. 1 de 1)

FCH
C.B. 12
P. 103
Doc. 9
F. 44

Bahia 17 de Agosto de 1956

Amigo Raymundo.

Recebi sua carta e me apresso em responder os dados para os Amigos Da Gravura. Ficamos muito contentes com sua possivel vinda em Outubro e para então estará tudo pronto, o painel e a capoeira do Mario, dentro de uns dias entrarão os moveis e a sede do banco ficará só a espera de ser inaugurada.

O Odorico disse-me que viu em Paris o Debret e que está uma verdadeira maravilha. Já acabaram os nós gordianos da alfandega?

Vão os dados biograficos:

CARYBÉ (Hector Bernabó)

Nasceu em Lanús, provincia de Buenos Aires em 9 de Fevereiro de 1911. ~~xxxxxxx~~ Estudou no Rio e em Buenos Aires. Como ilustrador trabalhou para varias editoras argentinas: Viau, Kraft Kraft, Schapire, MC, Botella al Mar etc. Robinson Crusoe- Poesias completas de Walt Withman - La Carreta etc. Na Bahia a - Coleção Reconcavo - Rosa da noite - Bahia, sua terra e seu povo - O cavalo e a rosa e outros.

Premios : 1º premio "salon de acuarelistas y Grabadores" de Buenos Aires - Medalha de bronze IV Salão Bahiano de B.A. 1º premio de desenho na III Bienal de São Paulo.

Sobre a solução para o leilão de Macunaíma acho bom. Mandem o papel que eu irei fazendo os desenhos.

Até aqui e um abraço enorme

Cumprida com Maria

3.16 – Bahia, 17 de agosto de 1956. Sobre “a solução para o leilão de *Macunaíma* acho bom. Mandem o papel que eu irei fazendo os desenhos.” (pasta 103, doc. 9, pág. 1 de 1)

ACH
C.B. IX
P. 103
CCCB
1/24

Rio de Janeiro, 24 de Agosto de 1956

Meu caro Caribé.

Desculpe só te responder agora, mas estive todos estes dias envolvido em questões de assucar, tendo que viajar diversas vezes a Campos.

A impressão de "Macunaima" esteve paralizada uns dias aguardando o papel que estava para chegar; junto uma amostra que você poderá julgar como vai ficar; as tuas placas são realmente maravilhosas ... A medida que se fizer a composição, deixaremos as aberturas para então gravar as pequenas; assim o livro ficará perfeito.

Ontem entregamos o "Canudos" de Poty. O leilão dos originais foi um sucesso, rendeu Cr\$. 217.000,00, todos estamos satisfeiti - mos.

Com referência ao "Candomblé", não tenho tocado no assunto aguardando a chegada do Debret, que já está na Alfândega há uma mês e por incrível que pareça levam a criar mil dificuldades; com a vista deste album, poderemos iniciar as conversações.

Placas dos "Amigos da Gravura". Mandamos cortar à beirada de baixo e niquelar a placa. A impressão vai ficar ao encargo da Gráfica acompanhada pelo Darel. Como ela é impressa por nós, mande-me dizer quanto estamos devendo para mandar os "cobres" pela volta do correio pelo Banco Português.

Lembranças ao Mario que mande notícias dos capoeiras e receba um abraço do amigo

3.17 – Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1956. “A impressão de *Macunaima* esteve paralisada uns dias aguardando o papel que estava para chegar.” (pasta 103, doc. 11, pág. 1 de 1)

Bahia 30 de Agosto de 1956

REC
CBB
1943
22012
P. 1/2

Amigo Raymundo. Meu abraço.

Recebi a amostra do Macunaíma e está uma beleza, o papel os tipos e a impressão, acho que ficará um grande livro e o Mario"la nos vastos campos do céu" vai dar pulos de contente. Só me faltam tres gravuras das grandes, se o papel já chegou, conforme forem compondo mandem as medidas assim eu vou tocando pra frente.

Estou muito contente com o sucesso do Poty e o unico que sinto é não ter um esemplar para ver as gravuras do bichão que devem ser formidaveis pois a meu ver o tema lhe calça como luva pois o poty é um mandacará, por fora espinhento e de coração mole.

O Mario está com os capoeiristas quasi acabados e lhe dou os parabens pois é uma coisa muito forte e cheia de movimento. Está de maçarico em punho respingando tudo de metal fundido parecendo o Cão nas portas do inferno mas está realizando uma coisa que a muito tempo vinha madurando.

Eu também estou acabando o painel do Banco Portugues e acho que vai ficar bom. O pessoal tem gostado.

Com respeito á gravura acho que o melhor é descontar dos dez contos o que custou o papel e a impressão, e outros gastos eventuais.

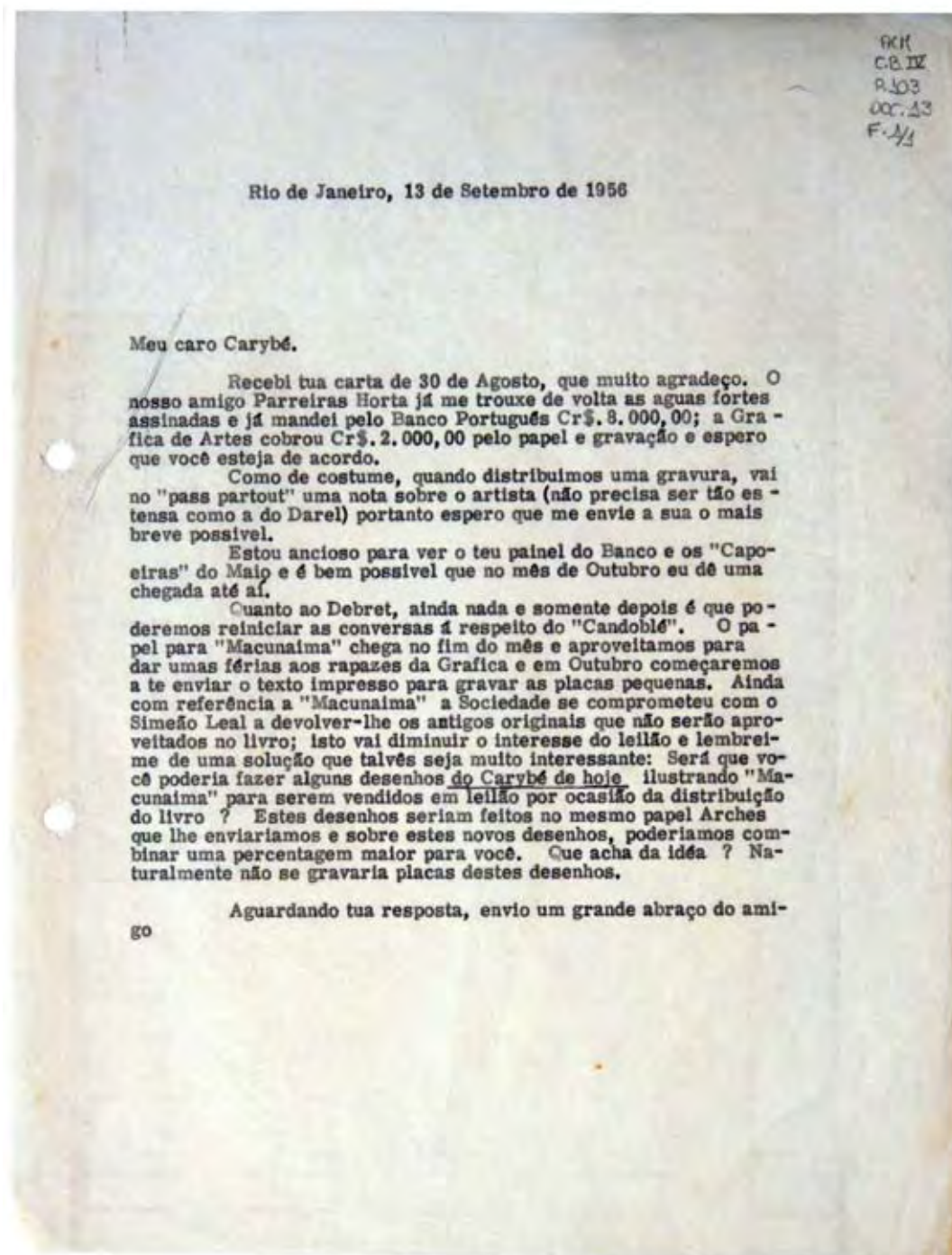
O que parece conto é que, neste nosso Brasil em que os cadillacs e geladeiras passam pela alfandega como agua em samburá, a dita tome brios com o Debret que afinal de contas é muito mais importante que todos os

rabos de peixe que rodam por aí. Quando puder ir ao Rio irei a sua casa filar um almoço e ficar a tarde toda gozando as belas gravuras. Tomara que venha uma lei libertando o quê bom e indispensavel á nossa cultura dos papelorios e enredos alfandegarios porque do gail que vai não se pode mais comprar um livro sobretudo de arte.

Lembranças ao Cypriano Amoroso Costa e para você um bruto abraço do

CARYBÉ

3.18 – Bahia, 30 de agosto de 1956. Carybé diz: “Recebi a amostra do *Macunaíma* e está uma beleza, o papel os tipos e a impressão, acho que ficará um grande livro”. (pasta 103, doc. 12, págs. 1 e 2)



3.19 – Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1956. Castro Maya pedindo a Carybé novos desenhos para *Macunaíma*. (pasta 103, doc. 13, pág. 1 de 1)

RCM
C.B. IX
P. 203
Doc. 14
F. 1/1

Rio de Janeiro, 27 de Setembro de 1956. -

Meu caro Carybé.

Recebi tua ultima carta e venho agradecer a tua futura colaboração para "Macunaíma", fazendo novos desenhos; estou enviando pela Panair, umas 40 folhas de papel Arches do tamanho do livro, para você nas horas vagas, ir desenhando o nosso herói.

Faltou você me dizer qual seria a sua percentagem sobre estes novos desenhos, pois é natural que seja maior do que a dos primitivos.

Com referência ao painel do Banco, gostaria muito de ficar com o desenho da maquette; será que ele ainda existe? e será que você me poderia cede--lo?

O Debret deve sair hoje da Alfandega; já vi o livro que está formidável.

Sem mais, envio um abraço e subscrevo-me

3.20 – Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1956. Novos desenhos para *Macunaíma*. (pasta 103, doc. 14, pág. 1 de 1)

ACH
C.B. 12
P. 103
CC-15
F. 11

Como Raymundo.

Nesta hora, de eu despachar as placas, chegou tua carta anunciando a chegada do papel.

Quanto à nova porcentagem, se eu posso me aproximar o mais possível dos 125 de que falo na outra carta, me dou por satisfeito.

O desenho do maquete do painel está comigo. Está bastante sujo e maltratado pelo trabalho. Aliás são dois, um em horizontal e outro em vertical. Queres que eu mande ou você apanha quando vier aqui.

Um abraço enorme e me responde logo para eu, socegar a passarinha.
seu CAZB

3.21 – Bahia, s.d. Negociação de preço está fechada. (pasta 103, doc. 15, pág. 1 de 1)

ACK
CDB
P. 103
110-16
F. 12

Bahia 1 de Outubro de 1956.

Amigo Raymundo.

Envio quatro chapas de Macunaíma, com esta remessa só me ficam duas por fazer, depois entraremos nas pequenas conforme forem chegando as medidas. Pouco a pouco o bichinho vai ficando completo.

Estou esperando o papel para fazer as novas ilustrações para o livro. Pergunto a você se não acha melhor, conforme estou pensando, fazer as ilustrações grandes, umas duas ou três de cada capítulo em vez de fazer desenhos pequenos de abertura e fim. Já que o livro será de novas originais penso que quem arrematar os desenhos gostará mais de uma cena grande que de um finzinho de capítulo. Isto, creio eu, aumentará o resultado econômico do livro pois um desenho grande seria melhor pago que uma vinheta. Você me responde a este respeito.

Agora Raymundo vou fazer um bruto pedido. Lá vai.

Precisaria, neste fim de Outubro, digamos dia trinta, de cento e vinte e cinco contos. Passo a explicar, pensando que o Macunaíma andaria mais ligeiro há três meses pedindo um empréstimo dessa quantidade para ir tocando a obra de meu barraco. Esse cobre vence nos primeiros dias de novembro e por isso eu peço que me arranje essa quantia no Banco português a cento e vinte dias pois até lá acho que o Macu estará pronto e você põe o que me corresponde diretamente no banco e se com o livro não chegasse a cobrir cento e vinte cinco contos eu entrego o que faltar. Agora pergunto eu: 1º. é possível que esta transação fique garantida com meu trabalho do Macunaíma? Isso seria ideal pois não amolaria ninguém pedindo aval. 2º. se só é possível fazer essa operação com o aval de alguém eu de onde já procuraria essa pessoa.

Peço que você me responda sobre isso o mais de pressa que lhe for possível para eu ficar socgado nesse ponto e poder trabalhar melhor, sem pensar mais nessas cento e tantas pacotas. Desde já muitíssimo obrigado pelo que puder fazer por este meu amigo. Parece que, finalmente, neste mês a caixa econômica vai sair e então eu estarei livre de pedreiros, ferreiros etc. Benza Deus!

Bom esta conversa chata de dinheiros acabou espero sua resposta e

.30TI e3 ordituo e3 i nide

se tudo sair como penso: Ora viva, sempre viva!

O painel está acabado, tenho ainda lá os materiais pois quando colocarem os móveis na certa algum carregador bate com um pau e eu terei que retocar, o lambri de pau marfim ficou uma beleza e agora é muito pouco o que falta para terminar a instalação, o vidro já está no seu lugar, o lambri também e o pessoal do ar condicionado trabalhando.

Estamos ansiosos por sua chegada, o Mario está dando os últimos retoques à capoeira que está muito boa mesmo, o tempo está magnífico e as mangas e abacaxis começam a aparecer pela rampa do mercado.

Bom por hoje termino, peço o favor de responder logo que for possível e mando um abraço enorme e até breve.

Sempre seu
Carybé

3.22 – Bahia, 2 de outubro de 1956. Carybé enviando as chapas para impressão de *Macunaíma*. (pasta 103, doc. 16, págs. 1 e 2)

RCM
CB.12
R303
Doc.17
F.14

Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1956. -

Meu caro Caribé.

Recebo hoje tua carta do dia 1º e começo a falar nos "cobres".

Conversei com o Cypriano; limpando as gavetas dos Cem Bibliófilos, podemos te pagar Cr\$. 50.000,00 como parte do pagamento; quanto aos restantes Cr\$. 75.000,00, vou conversar com o Banco Português que vai descontar uma promissória deste valor a 180 dias; se o livro não estiver pronto nessa época, conseguiremos renovar a mesma. Infelizmente você não vai fugir ao pagamento dos juros ao Banco.

Quanto aos desenhos novos que não vão ser gravados, concordo inteiramente que só devem ser grandes, não há razão de fazer desenhos pequenos; quanto ao sucesso, tenho a certeza que vai ser colossal; Você cobrirá largamente os 125.000 cruzeiros. O papel deve chegar na Alfândega esta semana e penso em breve poder iniciar a impressão.

A maquete do Banco você poderá entregar ao Coronel Parreiras Horta que duas vezes por mês vem ao Rio.

Lembranças ao Mario e diga-lhe que estou ansioso em vê-lo, pelo menos uma fotografia dos Capoeiras.

Até breve e envio um grande abraço do amigo.

3.23 – Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1956. Negociação de pagamento. (pasta 103, doc. 17, pág. 1 de 1)

DCH
c.B. IV
P.103
Doc. 18
f. 1/1

Rio de Janeiro, 30 de Outubro de 1956. -

Meu caro Caribé.

Embarco no "Bretagne" para a Bahia e estarei aí no dia 16 para inaugurar a sede do Banco no dia 19 e poderemos conversar a respeito de diversas questões pendentes como sejam:

1º) - "MACUNAIMA" O papel está para sair da Alfandega.

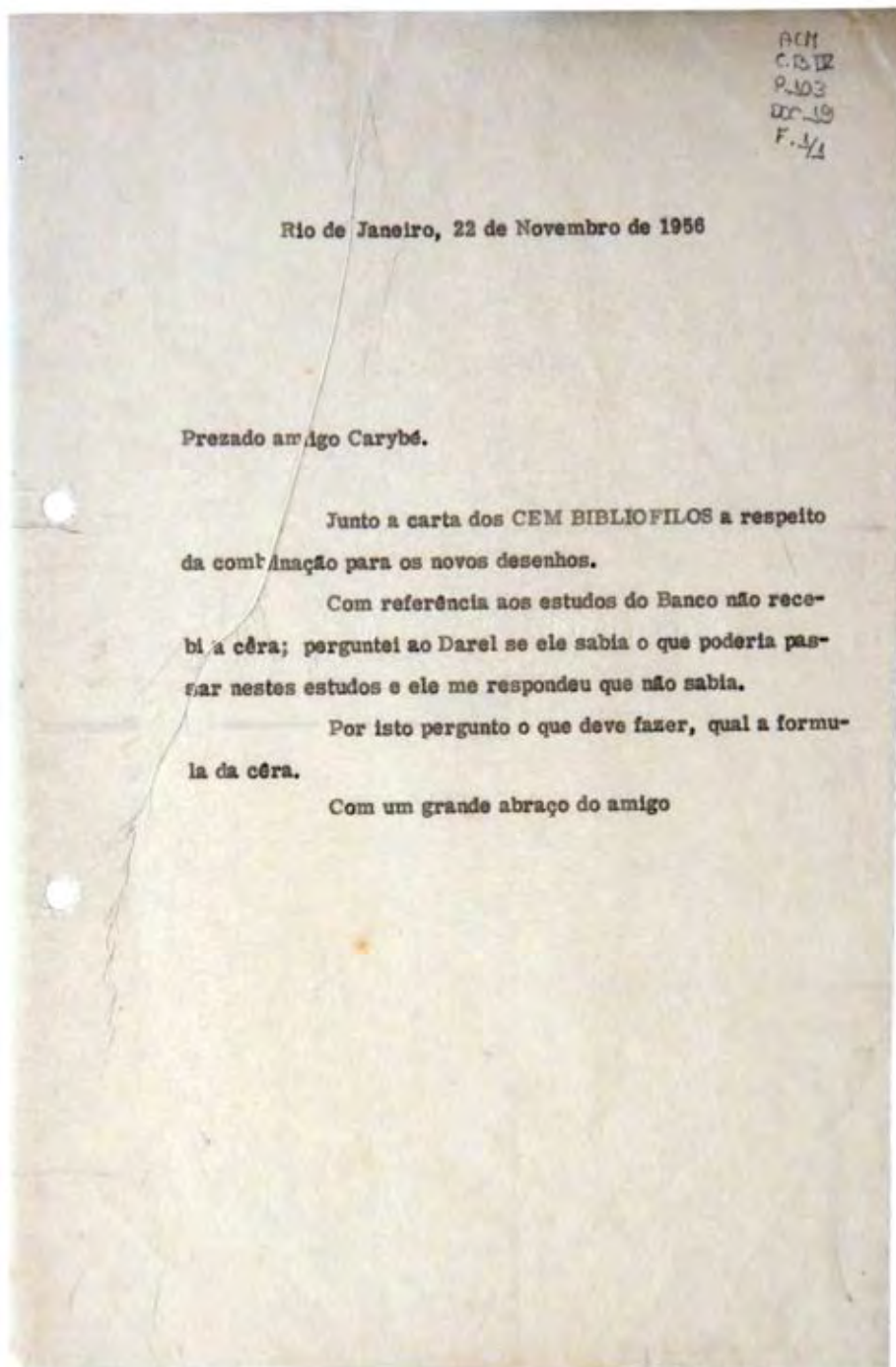
2º) - "CANDOMBLÉ" Por enquanto nada feito. Se quiser que eu leve o album para a Bahia, responda-me por telegrama.

3º) - "CARTÕES PARA O NATAL" - Costumo fazer uns cartões de boas festas para o Natal em agua-forte ou litografia; será que você poderia estudar um assunto de Natal ? o tamanho do papel deve ser mais ou menos 26 x 20.

Estou escrevendo telegraficamente, devido á falta de tempo.

Um abraço do amigo

3.24 – Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1956. Aguardando importação do papel. (pasta 103, doc. 18, pág. 1 de 1)



3.25 – Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1956. (pasta 103, doc. 19, pág. 1 de 1)



3.26 – Rio de Janeiro, 4 de maio de 1964. Castro Maya convida Carybé para ilustrar um novo livro para a SCBB (que não chega a fazer). Interessante, pois ele lhe dá a chance de escolher o título. Outra característica comprovada nesta carta é que os livros vão afinando com o passar dos anos. Castro Maya escreve assim: “Não pode ser assunto de livro muito grosso, pois estamos em maré de economia e é muito difícil conseguir-se papel para um livro de muitas páginas.” (pasta 103, doc. 14, pág. 1 de 1)

3.4 A impressão

Os primeiros livros da SCBB foram impressos em offset. A partir do quarto, o tipo de impressão é a tipográfica. A passagem da impressão em offset para a impressão tipográfica significou uma mudança na contramão da produção comercial vigente no século XX.

A intenção era publicar apenas 120 livros. Não se justificava fazer uma impressão em tão pequena escala em offset. Na prática, aprendemos que a tiragem mínima para não ocorrer prejuízo é de quinhentos exemplares. Mas dinheiro não era o problema daquela abastada Sociedade. O que importava era a elaboração de livros de arte com acabamento semi-artesanal. Na realidade, essa mudança ocorreu em função de uma decisão projetual, na medida em que se privilegiou a produção de luxo, voltada para os colecionadores. Darel diz em entrevista concedida a Baraçal que “(...) se os livros continuassem a ser editados em processo industrial (...) certamente não teriam a importância cultural e artística que têm hoje”. (2002, p. 60)



**PRESSES A CROISEE DIRECTE POUR LE LIVRE DE LUXE
ET LES ESTAMPES MOYENNES**

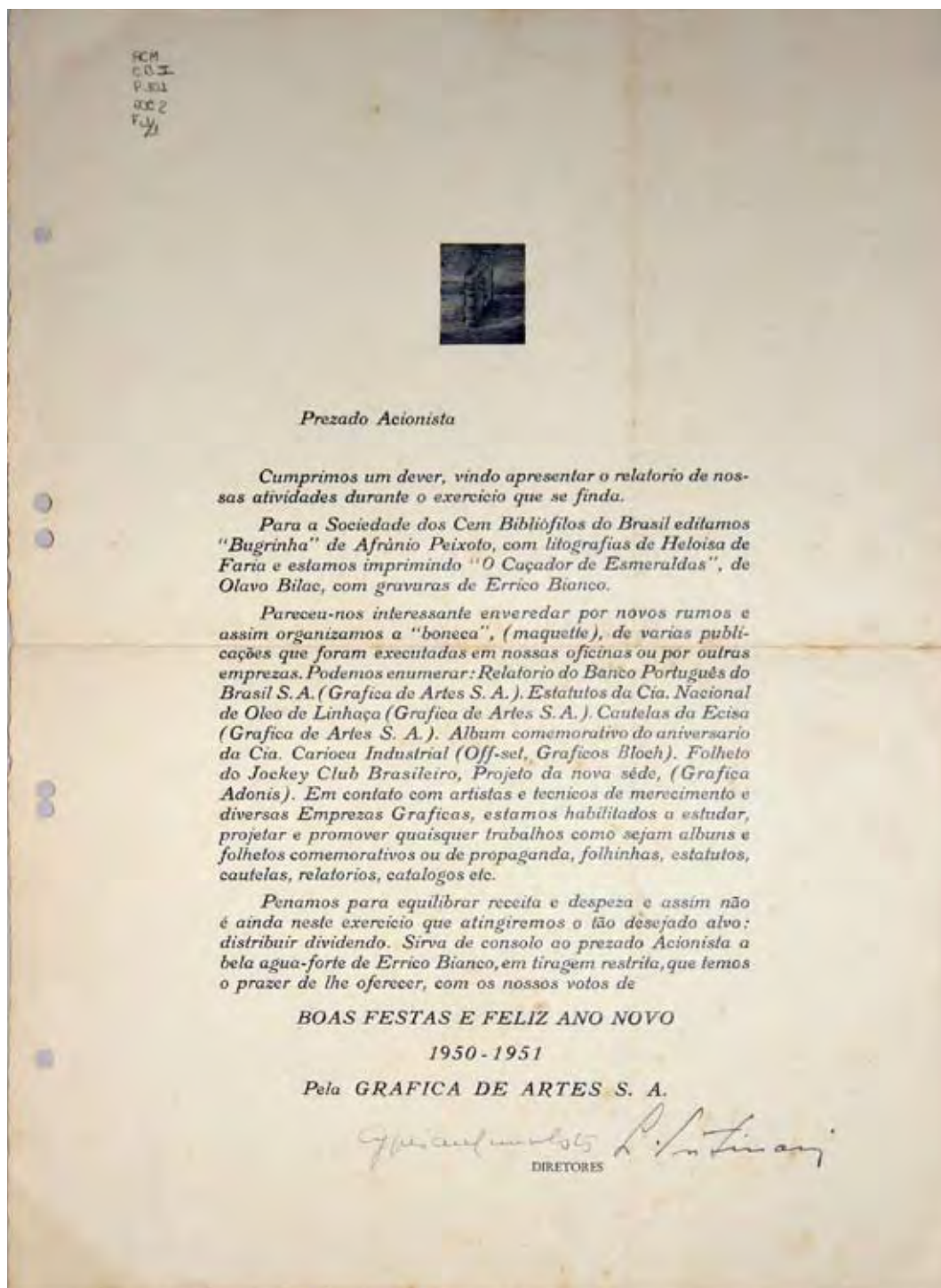
Référence	Ouverture entre bâtis	Dimension de la table	Encombrement de la machine	Poids		
				Net	par fer	par mer
TDC 5	0,45	90 × 40	180 × 65	500 kgs	570 kgs	600 kgs
TDC 7	0,55	100 × 50	180 × 75	540 kgs	620 kgs	650 kgs

3.27 – Da esquerda para a direita, Gráfica de Artes (s.d.). Encarte encontrado no acervo da SCBB, anunciando prensas especiais para a impressão de livros de luxo. (pasta 103, doc. 8, frente e verso)

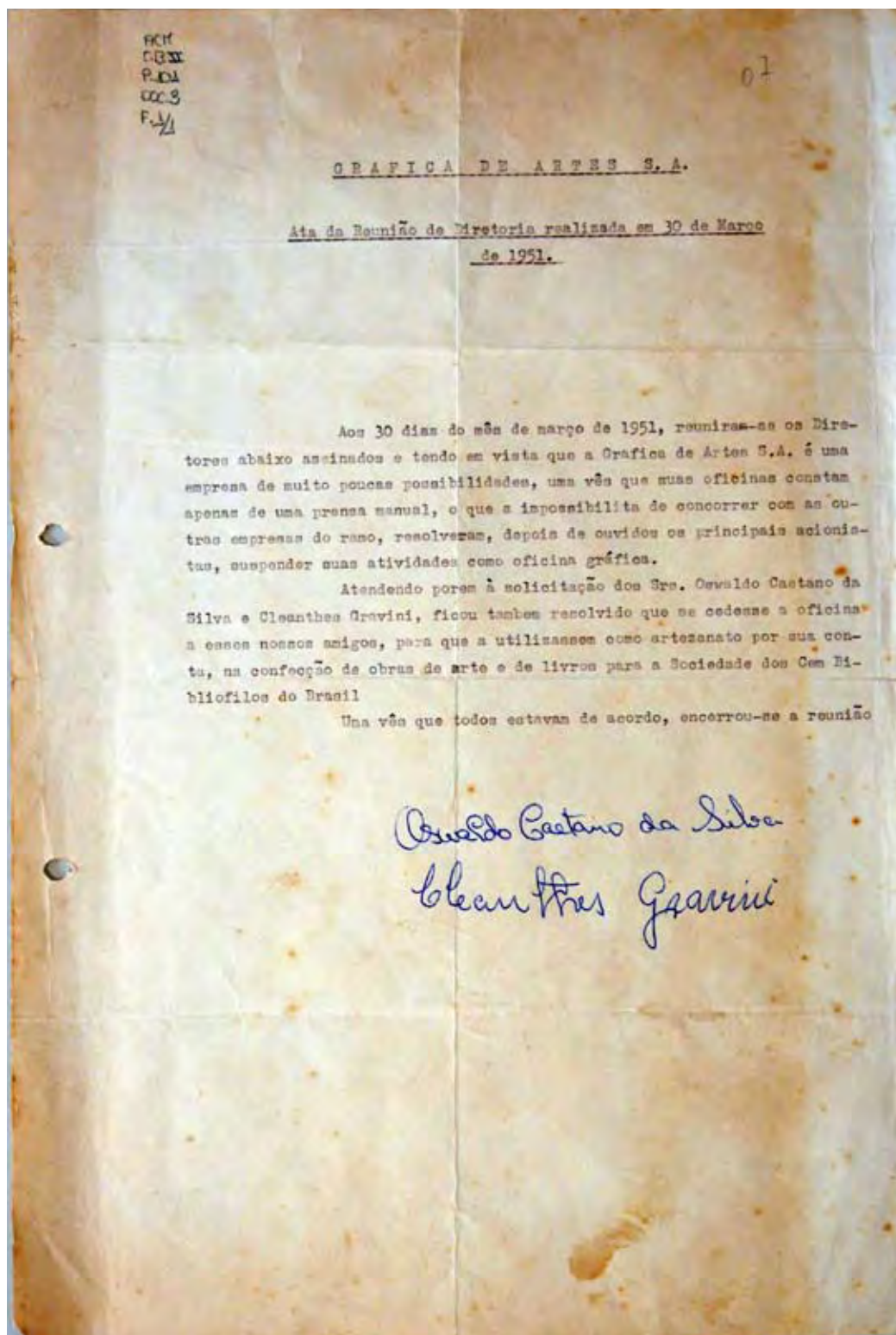
Com o passar dos anos, Castro Maya incrementou a produção dos livros, mandando buscar em Paris, em 1953, impressoras tipográficas manuais e duas prensas para gravura, uma para metal e outra para litografia, além de famílias tipográficas.

TIPO DE IMPRESSÃO	ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	
Impressão Offset Imprensa Nacional sob a orientação da América Edit. Ltda.	1943													
	1944							1						
	1945													
	1946													
	1947				2									
Impressão Offset Oficinas Conrado e Gr. Lanzara (txt)	1948						3							
Impressão Tipográfica Gráfica de Artes S.A. End.: Rua Faro 1951: por ser uma gráfica de pequeno porte, passa a atender somente à SCBB 1953: CM importa insumos para impressão de Paris	1949		4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	5	
	1950	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	6	6	
	1951	6	6	6	6	6	6	6	6		7	7	7	
	1952	7	7	7	7	7	7	7	7					
	1953		8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8	
	1954	8	8	8	8	8	8	8	8	8	8		9	
	1955	9	9	9	9	9	9		10	10	10	10	10	
Impressão Tipográfica Gráfica de Artes S.A. End.: Casa de vila perto do Largo dos Leões	1956	10	10	10								11	11	
	1957	11	11	11	11	11	11	11	11	11	11			
	1958		12	12	12	12	12	12	12	12	12			
	1959	13	13	13	13	13	13	13	13					
	1960	14	14	14	14	14	14	14	14					
	1961	15	15	15	15	15	15	15			16	16	16	
	1962	16	16	16	16			17	17	17	17	17	17	
	1963	17					18	18	18	18	18	18	18	
	1964	18	18	18	18	18	18	18	18					
	1965				19	19	19	19	19	19				
		20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20
	1966	20	20	20	20						21	21	21	
	1967	21	21	21	21	21					22	22	22	
	1968	22	22	22		23	23	23	23	23	23	23	23	
1969	23	23	23	23	23	23								

Tabela 3.1 – Período de execução dos livros. Os livros 7, 10, 11, 14, 15, 18, 19, 20 e 21 não possuem data na folha de rosto.




3.28 – Relatório de Atividade da Gráfica de Artes em 1950-1951. (pasta 101, doc. 2, pág. 1 de 1)



3.29 – Gráfica de Artes. “ ... ficou também resolvido que cedesse a oficina a esses nossos amigos, para que utilizassem como artesanato (sic) por sua conta, na confecção de obras de arte e de livro para a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil”. (pasta 103, doc. 3, pág. 1 de 1)

BCH
C.B. III
P. 30 2
DOC. 4
F. 1/2



PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL

ALVARÁ DE LICENÇA PARA LOCALIZAÇÃO CONCEDIDO

A GRÁFICA DE ARTES S.A. -
PARA SE ESTABELECEER À RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 6-9º ANDAR
SALA 4. -
COM A SEGUINTE ATIVIDADE PRINCIPAL ESCRITÓRIO DE ARTES
GRÁFICAS. -
ENQUANTO SATISFIZER AS EXIGÊNCIAS DA LEGISLAÇÃO EM
VIGOR. RESTRIÇÕES: SEM ESTOQUE. -

NÚMERO DE INSCRIÇÃO	HORÁRIO	CÓDIGO DE TAXAÇÃO
3752	DE ACORDO COM AS LEIS EM VIGOR	100

EMITIDO EM 22 DE SETEMBRO DE 1953
 OFICIAL ADMINISTRATIVO

CONFERIDO EM 22 DE SETEMBRO DE 1953
 CHEFE DO SERV. DE CONTROLE FISCAL

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DA RENDA DE LICENÇAS

3.30 – Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1953. Alvará de licença para o escritório da Gráfica de Artes. (pasta 100, doc. 66, pág. 1 de 1)

3.4 A encadernação

Vimos na *Introdução* que no processo de acabamento os cadernos de um livro são apenas abertos com uma espátula, sem serem refilados. Refilar um livro é uma prática do grande mercado editorial. Prática que não agrada aos bibliófilos – em sua interpretação é uma violação da obra.

Os exemplares eram entregues sem encadernação, apenas com uma capa de proteção, como foi mostrado na descrição dos livros. Os da Academia Brasileira de Letras (identificados com a letra G) nunca foram encadernados. Todos ainda possuem somente a capa de proteção de papel tipo *canson*, de gramatura superior à usada no miolo, conforme foram distribuídos pela Sociedade. Cada capa de proteção também foi tratada de forma particular. Ora colorida sobre papel branco, ora em papel colorido com impressão em preto, ou ainda com tratamentos especiais, como no exemplar de *Pasárgada*, de Manuel Bandeira, publicado em 1960, no qual foi realizada aplicação de relevo seco.

Todos os de nº 2, pertencentes à Castro Maya, foram encadernados. A maioria pelos encadernadores franceses René Assourd e Jean Duval (vide Tabela 3.2). Como já mencionado, não houve preocupação em padronizar o formato dos livros. As características da capa (cor, tipo de lombada, aplicação de dourado) têm estreita relação com o conteúdo de cada título, e não com a Coleção.

<p>Exemplares Castro Maya nº 2</p> <p>(René Assourd e Jean Duval) cor, tipo de lombada, aplicação de dourado têm relação com o conteúdo de cada livro</p>	<p>Exemplares ABL letra G</p> <p>(não foram encadernados) Capa de proteção com papel tipo <i>canson</i> de gramatura superior à usada no miolo</p>
--	---

3.31 – As diferenças entre os exemplares nº 2 e os de letra G

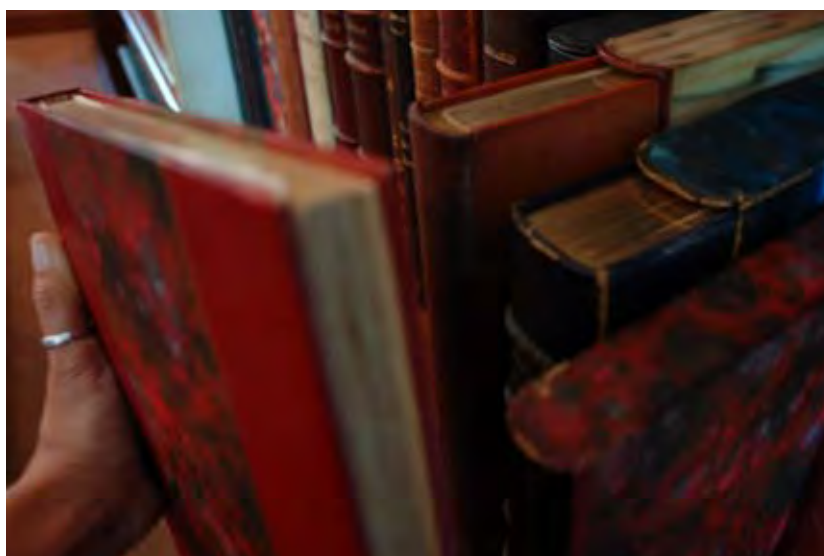


3.32 – Livros letra G, após um dia de pesquisa, prontos para serem guardados, ao lado do armário, na ABL, 2007.

Na CCBB, era guardado tudo o que fosse possível, de esboços a provas de impressão. As capas de proteção também não eram descartadas na hora da encadernação. Aliás, essa é uma prática percebida em outras coleções encadernadas. No livro *O compadre de Ogun*, pertencente ao Acadêmico Dr. Alberto Venâncio Filho, também foi mantida a capa de proteção.

nº	Data	Título	Alt.	Larg.	Lomb.	Encadernação
01	1943	<i>Memórias posthumas de Braz Cubas</i>	39,4	30,4	5,3	Vallelle
02	1945	<i>Espumas fluctuantes</i>	32,1	25,2	4,0	René Assourd
03	1948	<i>Pelo sertão</i>	33,4	25,6	5,5	René Assourd
04	1949	<i>Luzia-Homem</i>	33,3	27,2	6,2	René Assourd
05	1950	<i>Bugrinha</i>	33,6	26,8	5,0	René Assourd
06	1951	<i>O caçador de esmeraldas</i>	33,2	26,4	3,5	René Assourd
07	1952	<i>O rebelde</i>	33,0	26,2	4,0	René Assourd
08	1954	<i>Memórias de um sargento de milícias</i>	30,3	24,9	5,5	René Assourd
09	1955	<i>Três contos</i>	28,4	23,4	2,8	René Assourd
10	1956	<i>Canudos</i>	43,5	33,7	3,4	René Assourd
11	1957	<i>Macunaíma</i>	39,0	30,0	6,0	Jean Duval
12	1958	<i>Bestiário</i>	33,0	27,8	4,0	Jean Duval
13	1959	<i>Menino de engenho</i>	36,5	29,5	5,5	Jean Duval
14	1960	<i>Pasárgada</i>	29,0	23,6	3,0	Jean Duval
15	1961	<i>Poranduba amazonense</i>	35,3	28,8	2,5	Jean Duval
16	1962	<i>Cadernos de João</i>	28,6	23,6	2,9	Jean Duval
17	1963	<i>A morte e a morte de Quincas Berro D'Água</i>	46,8	42,5	3,0	sem assinatura
18	1964	<i>Campo geral</i>	29,3	24,5	4,3	sem assinatura
19	1965	<i>Quatro contos</i>	34,0	26,5	3,0	sem assinatura
20	1966	<i>As aparições</i>	29,6	23,8	3,3	sem assinatura
21	1967	<i>Ciclo da Moura</i>	33,8	27,0	2,5	sem assinatura
22	1968	<i>Hino Nacional Brasileiro</i>	47,1	33,5	2,2	sem assinatura
23	1969	<i>O compadre de Ogun</i>	33,8	24,4	2,5	sem assinatura

Tabela 3.2 – Tabela construída a partir do documento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) sobre as especificações dos livros da Coleção. As datas estão de acordo com as folhas de rosto. Constam também dados como o peso de cada livro.



3.33 – Livros nº 2, da estante da Biblioteca de Castro Maya, atual Museu da Chácara do Céu, 10/1/2007.

3.34 – As encadernações dos exemplares nº 2, pertencentes a Castro Maya.



livro 1



livro 2



livro 3



livro 4



livro 5



livro 6



livro 7



livro 8



livro 9



livro 10



livro 11



livro 12



livro 13



livro 14



livro 15



livro 16



livro 17



livro 18



livro 19



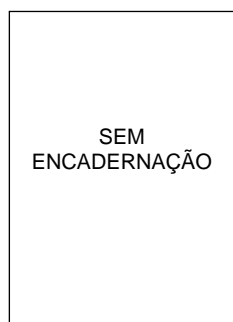
livro 20



livro 21




livro 22



livro 23

5

 **Casa Vallette** Indústria e Comércio de Papelaria Ltda.

PAPELARIA ☆ TIPOGRAFIA ☆ ENCADERNAÇÃO ☆ PAUTAÇÃO ☆ DOURAÇÃO
 RUA DO CARMO, 83 — TEL. 22-3817 — End. Tel.: VALLETTE — RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 13 de Maio de 1960 Fatura N.º _____

Cl(s) Ilmo(s). Sr(s) SOCIEDADE DOS 100 BIBLIÓFILOS DO BRASIL
 Rua 1ª de Março, 6 - 9º andar *9 - 43 em 92-44* *de 100 Bibliófilos* Deved(m)

31757 1 Brochura para costurer Cr\$ 250,00

Importe a presente fatura em:
 Duzentos e cinquenta cruzeiros.-

Jorge Augusto

Pago
Jorge
 22.7.60

ACH
 C.B. IV
 F. 302
 DOC 35 A
 T-43

Os artigos sujeitos ao imposto de consumo estão devidamente selados

3.35 – Rio de Janeiro, 13 de maio de 1960. Casa Vallette. (pasta 103, doc. 35, pág. 1 de 1)

Encontramos recibo da Casa Vallette, casa encadernadora, situada à Rua do Carmo, centro do Rio de Janeiro. Foi a responsável pelo primeiro livro da Sociedade. Apesar do recibo da figura 3.35 ser de 1960, não significa que tenha encadernado o exemplar número 2 de Castro Maya, *Pasárgada*, de Manuel Bandeira, porque o mesmo foi encadernado pelo francês Jean Duval.

Percebemos neste Capítulo uma safra de profissionais híbridos que trabalhavam tanto para o mercado editorial como para produções de luxo e limitadas como as da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil. Nomes como Santa Rosa, Poty, Darel, Cícero Dias e Carybé figuram em ambas as extremidades. Talvez a importância da SCBB resida na colaboração da Sociedade para a consolidação do mercado editorial. Sua fundação em plena década de 1940 coincide com o *boom* do mercado editorial.

Pudemos conferir como era o contato de Castro Maya com outros ilustradores através das cartas a Carybé. Esta transação deve ter sido feita por correspondência, pois Carybé residia na Bahia e Castro Maya no Rio de Janeiro. Supomos que a negociação com os demais artistas deva ter sido pessoalmente, em conversas informais sobre decisões de preço e de projetos, uma vez que não encontramos recibos de pagamentos. A primeira missiva data de 21 de setembro de 1955, e o livro só fica pronto em 25 de outubro de 1957, dois anos depois. No colofão, a data inicial é 8 de novembro de 1956, um ano após. Assim, podemos supor que Castro Maya entrava em contato com os artistas com bastante antecedência.



3.36 – Detalhe do exemplar nº 2, do Museu da Chácara do Céu, *Luzia-Homem*, escrito com N ao invés de M, 10/1/2008.

As encadernações apresentavam-se cada qual mais diversa da outra, dentro dos parâmetros possíveis para uma encadernação de capa dura. Afigura-se como mais marcante a capa do vigésimo segundo título, *Hino Nacional Brasileiro*, dotada de um triângulo que remete à bandeira nacional. Todas as publicações possuem o nome gravado na lombada, como é o caso de *Luzia-Homem*. Na imagem 3.37 pode ser percebida a escrita de grafia errada: em lugar do M, vê-se N. As únicas lombadas sem douração são as dos livros 12 e 13, *Bestiário* e *Menino de engenho*, respectivamente.

4. As personalidades

Há controvérsias quanto aos motivos de formação de grupos de bibliofilia, que publicam, em tiragem limitada, livros com apuro artesanal e gravuras como ilustração. Para muitos, possuir exemplares desse quilate era um bom negócio, mais do que qualquer outro afã literário. Podemos dizer que, no Brasil, nem todos os associados estavam envolvidos com literatura e com bibliofilia a ponto de paixão. Os membros da SCBB eram pessoas abastadas que faziam parte da nata da elite. Eram empresários, artistas, políticos, médicos e banqueiros.

Entre os associados estavam presentes personalidades como o prefeito Carlos Lacerda, o artista plástico João Cândido Portinari, o arquiteto modernista Henrique Mindlin, os empresários Horácio Klabin, Roberto Marinho e Joaquim Monteiro de Carvalho, o colecionador Gilberto Chateaubriand e o bisneto de Dom Pedro II, Dom Pedro Gastão de Orléans e Bragança. Todos bem-sucedidos e estabilizados. Havia também a presença de mulheres, poucas, todas da alta sociedade, “todo mundo se conhecia, a alta sociedade era muito pequena” (informação verbal)¹: Ema Gordon Klabin, Ernestina M. Paiva Meira, Letícia Maria Carneiro, Lúcia de Faria Proença, Maria Augusta da Costa Ribeiro, Maria do Carmo de Melo Franco Nabuco, Maria Helena de Camargo Rodrigues, Maria Pia Torres Guimarães, Maria Regina Amoroso Costa Archer de Castilho, Maria Teresa Fontes Willians, Myrian Queiroz Borges de Leão, Niomar Moniz Sodré Bittencourt, Odete Young Monteiro, Rachel C. Simonsen, Renata Crespi Prado, Rosalina Coelho Lisboa de Larragoiti, Yolanda Penteado Matarazzo e Zaira Giovanna Bonino.

Encontramos na última formação da Sociedade os nomes de dois autênticos bibliófilos: José Mindlin e Rubens Borba de Moraes. José Mindlin (1914/...) considerava bibliofilia amor pelos livros antigos, mas mudou de opinião ao conhecer os livros da Coleção dos Cem Bibliófilos, que já nasciam raros. Em uma entrevista ao jornal *O Globo*, Mindlin revelou que “(...) se na hora da fundação não pensou em entrar para o grupo dos cem privilegiados de Maya, depois lutaria por uma vaga, conseguindo adquirir um título [nº 9] da família de um sócio falecido”. (Costa, 2002, p. 2)

Rubens Borba de Moraes (1899/1986), bibliotecário, bibliógrafo, bibliófilo, intelectual de São Paulo, foi um dos nomes do movimento que culminou na Semana de Arte Moderna. Diretor da Biblioteca da Organização das Nações Unidas (ONU) e autor de inúmeros títulos sobre livros, critica em seu livro *O bibliófilo aprendiz* produções como aquelas realizadas pela SCBB. Paradoxalmente, é o associado número 85:

Não creio, pois, que tenham razão os bibliófilos que desprezam os livros modernos, impressos mecanicamente aos milhares. Para esses amadores, só tem valor artístico o livro impresso à mão e tirado a poucos exemplares. Muitas sociedades de bibliófilos mandam imprimir livros com os velhos métodos manuais. Há editores que anunciam edições de luxo, compostos e impressos à mão. Assim fazem porque existe, incontestavelmente, da parte de muito amador de livros, um preconceito contra a máquina. Esse preconceito é muito antigo, vem da

¹ Entrevista concedida por Stella Rodrigo Octavio Moutinho, realizada em sua residência no Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 2007.

ACB
22-
400
00-28
F 6/7

c 75 ^m - Clemente Mariani ✓	→ - Av. Epitácio Pessoa, 738 Tel. 247.5470 - ZC.37 Pç: Pico X, 98 Tel. 223.8167/242.9585 e 232.9514
X c 76 ^v - Aloysio de Salles ✓	- Rua Paulo Cesar de Andra- de, 106 - Bl. "C"/202, ZC01 Tel. 225.1194 Rua do Carmo, 8/10º and. Tel. 231.0011-231.0044
77 ^v - Leticia Maria Carneiro ✓	- Rua Belford Roxo, 271/501
c 78 - Trajano Coltzesco ✓	- Av. Atlântica, 2112/101 Tel. 235.0664/235.4589 → Av. N. S. Copacabana, 291 Tel. 257.0352/257.5521
c 79 - Homero Souza e Silva ✓	→ - Rua Caio de Mello Franco, nº 330 - ZC 20 Tel. 246.1410 Rua do Carmo, 8/12º and. Tel. 231.0115
c 80 ^v - Hugo Gouthier - Av. Atlântica 1782 apt. 803 - 2C-07 Tel. 207.4467 Procurador	- 10, Boulevard Suchet } apt. em Paris - XV Ième } Paris Dr. Dirceu Alves Pinto Rua do Carmo, 6/10º and. Tel. 231.0045
c 81 ^v - Cesar de Mello e Cunha ✓	- Rua Alte. Tamandaré, 23-A Tel. 225.6030 Av. General Justo, 275-B Tel. 252.9744 - ZC 39
82 - Jockey Club de São Paulo ✓	- a/c. Sr. Paulo Cintra Sede Social - Biblioteca Rua Boa Vista, 280/8º and. São Paulo - SP Tels. 33.1185/35.7197
c 83 ^v - Israel Klabin ✓	? - Av. Rio Branco, 81/14º and. Tel. 223.5870
84 - Francisco Peixoto Filho ✓	- Av. Alexandre Ferreira, 347 Tel. 226.8619 - ZC 20 Av. Nilo Peçanha, 12/10º Tel. 252.2565
c 85 ^v - Rubens Borba de Moraes ✓	- Rua Alagoas, 269 - S. paulo
86 - Ema Gordon Klabin ✓	- Av. Portugal, 45 - S. Paulo Tel. 20.5245 ? - Av. Rio Branco, 81/14º and: a/c. Sr. Leivas (Edgard) Tel. 223.5870
X c 87 ^v - Gilberto Perrez ✓	→ - Rua Sarapuí, 48 Tel. 226.4778 Rua da Quitanda, 21 Tel. 252.5168
88 - (Vivaldo Assis) Av. Rui Barbosa 310 ✓	
89 - Eduardo da Silva Ramos ✓	→ - Av. Higienópolis, 587. S. Paulo Tel. 31.1564 Rua Marconi, 53/2º and. a/c. Sr. Vicente Cipullo Tel. 34.4331 S. Paulo - SP.

4.1 - Rubens Borba de Moraes figura na última lista encontrada da SCBB. (pasta 100, doc. 28, pág. 6)

origem da imprensa. Os bibliófilos do século XV renegaram o livro impresso e continuaram a fazer manuscritos. Em pleno século XV, ainda faziam manuscritos. Para esses homens de antigamente, como para certos amadores de hoje, a máquina é vulgar, imperfeita e menos nobre que a mão do homem. Esquecem que a máquina não é senão uma ferramenta inventada pelo homem que a maneja como quer. (Moraes, 2005, p. 196)

Anualmente ocorria, no Jockey Club do Rio de Janeiro, o jantar de lançamento do livro do ano, tal e qual faziam as congêneres francesas. O objetivo era reunir os cem bibliófilos, mas a frequência variava em torno de 30% a 40%. (informação verbal)² As impressões dos bibliófilos podem ser traduzidas nas palavras de José Mindlin: “Lembro que estes jantares uniam a gastronomia à bibliofilia – duas coisas que reunidas num evento o tornam inesquecível.” (Alencar, 1997, p. 66)

Tudo era minuciosamente cuidado por Castro Maya, do convite ao cardápio (ilustrado pelo artista do ano). Nos jantares, o príncipe Dom Pedro Gastão de Orléans e Bragança (associado número 1 e principal membro da primeira Comissão Executiva) sentava-se à cabeceira; Castro Maya, à sua direita; e o ilustrador do livro do ano, à sua esquerda. Apesar de Castro Maya ser o mentor do projeto, seu título era o número 2. Em gesto respeitoso de reafirmação da aliança que seu pai havia constituído com a Família Real, deu o número 1 ao bisneto de Dom Pedro II, Imperador do Brasil. Mesmo com a República como novo regime.

Durante os jantares iam a leilão os originais das ilustrações, a fim de financiar a produção do próximo ano. (Rossi, 2002) Conforme depoimento do artista plástico Darel Valença Lins, que ia aos jantares e ocupava lugar de destaque como Diretor Técnico da Sociedade, sentado também à mesma mesa do Príncipe,

Quando acabava o jantar, então Castro Maya começava a fazer o leilão. Raymundo, naturalmente, tinha uma intimidade muito grande, muita força sobre aquele pessoal. Chegava num certo momento dizia assim: ‘Olha aqui este desenho de Iberê Camargo! Essa coisa importante! Olha aqui, Jorginho Guinle, essa coisa importante!’ E o cara batia o martelo, e comprou. Porque o cara que comprava o desenho juntava no livro dele o original e esse livro passava a valer muito mais. Aí, os livros que tinham os trabalhos originais, os estudos, valiam muito mais. (informação verbal)³

Neste dia, o livro era entregue em folhas soltas, sem encadernação, para que cada associado pudesse encadernar seu exemplar de acordo com o próprio gosto. A historiadora Stella Rodrigo Octavio Moutinho recorda:

Meu pai, Rodrigo Octavio Filho, amigo de Raymundo desde a juventude pelo entrosamento de gostos e por relações de família, foi um dos cem bibliófilos, de número 31. Entusiasmado, voltou do primeiro jantar de lançamento trazendo o exemplar de *Memórias Phostumas*. Ao redor da mesa, nos debruçamos, vibrando, para admirar tão bela obra – Machado e Portinari juntos, um deleite. (Moutinho, 2002, p.109)

Uma vez traçado o perfil daqueles que integravam o quadro dos Cem Bibliófilos do Brasil, focaremos na figura de seu principal mentor, Raymundo Ottoni de Castro Maya.

2 Entrevista concedida por Darel Valença Lins, realizada em sua residência no Rio de Janeiro, em 17/11/2007.

3 Idem.

4.1 Raymundo Ottoni de Castro Maya



4.2 – Detalhe do retrato de Castro Maya feito por Portinari em 1943, ano da fundação da SCBB. Óleo sobre tela, 72,5 x 60 cm.

O projeto da SCBB nasceu da vontade do empresário Raymundo Ottoni de Castro Maya: “Um homem de voz rouca, um perfeccionista, que detinha prestígio, bom gosto e requinte europeu”. Segundo Darel Valença Lins (Baraçal, 2002, p. 52) Castro Maya era um autêntico representante da alta burguesia brasileira. Filho de Theodozia Ottoni de Castro Maya, herdeira dos Ottoni, tradicional família de liberais mineiros, e do engenheiro Raymundo de Castro Maya, homem culto e técnico da Estrada de Ferro D. Pedro II, conhecida como Central do Brasil. Seu pai chegou a ser pessoalmente convidado por D. Pedro II para ser preceptor de seus netos – convite que recusou. Raymundo Ottoni de Castro Maya era o segundo de três filhos. O primogênito Christiano (1890-1923) e o caçula Paulo (1895-1928) faleceram coincidentemente aos 33 anos.



4.3 – Castro Maya de branco (segurando o chapéu) com os pais e irmãos na Cascatinha da Floresta da Tijuca, em 1903. (*Museus Castro Maya*, 1996, p. 21)

Castro Maya nasceu em 22 de março de 1894, em Paris, onde seu pai ocupou, a partir de 31 de outubro do mesmo ano, o cargo honorífico de Vice-Cônsul brasileiro (cinco anos após a Proclamação da República no Brasil, em 1889). Em 1899, aos 5 anos, retorna com a família para o Brasil, passando a residir no Rio de Janeiro, em Santa Teresa, e a estudar no Colégio Santo Inácio. Cursa Direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro, no período de 1912 a 1915. Com apenas 23 anos (1917), assume o cargo de Diretor Tesoureiro da Companhia Geral de Melhoramentos, no Maranhão. No período de 1923 a 1925 monta um apartamento com o irmão caçula Paulo, em Paris. Em 1925, com 31 anos, funda com Paulo a Cia. Carioca Industrial, que produzia a Gordura de Coco Carioca, produto natural e enlatado. Também fabricava o óleo de linhaça, antes importado pelo Brasil. Isso significou um grande avanço para a época, uma vez que a produção brasileira era basicamente de café. Em seus muitos investimentos, destaca-se a Estamparia Colombo, para imprimir embalagens com pedras litográficas, entre elas a lata da Gordura de Coco Carioca.



4.4 – Latas de Gordura de Coco Carioca. Exposição Retratos de Raymundo no Museu do Açude, Rio de Janeiro, 2006.



4.5 – Castro Maya e convidados num recanto da área da piscina da residência do Alto da Boa Vista, final dos anos 30. (*Museus Castro Maya*, 1996, p. 18) – Ex-libris – Almoço oferecido por Castro Maya ao presidente Getúlio Vargas, em sua residência do Alto da Boa Vista (*Museus Castro Maya*, 1996, p. 23)



*Ex Libris
R. de Castro Maya*



4.6 – Além de colecionador, Castro Maya era desportista, tendo se dedicado sobretudo à pesca e aos esportes aquáticos. Foto de seu arquivo pessoal com a legenda: “Eu mergulhando em Biarritz, 1920.” (Museus Castro Maya, 1996, p. 20)

No governo do presidente Getúlio Vargas foi administrador (por salário simbólico) da Floresta da Tijuca (1943-1947), tornando-a um parque urbano. Essa foi a única vez em que ocupou um cargo público. Foi amigo pessoal do Presidente Juscelino Kubitschek e tinha o hábito de recebê-lo em sua fazenda, Cachoeira Dourada, em Mato Grosso, para a prática da pesca esportiva (Alencar, 1997, p. 46). Foi ainda um dos mentores na construção do Museu de Arte Moderna (MAM) no Rio de Janeiro e também o primeiro presidente da instituição. Conhecido como bom anfitrião, ofereceu uma recepção, por exemplo, em sua residência na Chácara do Céu, comemorando a inauguração da nova sede do MAM, em 1951. Figuras ilustres, como seu amigo JK, marcaram presença no dia.



4.7 – Foto do arquivo pessoal, cerca de 1930-1935, acervo do Museu da Chácara do Céu.

Carlos Martins capta a essência da figura de Castro Maya e seu papel na sociedade: “[...] Castro Maya fundia as tendências européias e americanas que influenciavam a elite brasileira. De um lado, preservava o refinamento e certo dandismo, característica das elegantes figuras do *fin-de-siècle* francês; de outro, aderira ao ideal americano de empresário e desportista.” (1995, p. 61) José Mindlin, que o conheceu, corrobora Martins: “Meus contatos com Castro Maya sempre me permitiram ver nele um personagem que tranqüilamente se enquadraria nas boas figuras de Eça de Queiroz!” (Mindlin in Alencar, 1997, p. 66)

A paixão de Castro Maya por livros, despertada por seus pais, se revela pelas aquisições ao longo da vida, como, por exemplo, seu acervo de Brasiliana (livros sobre o Brasil, mas editados no exterior).



4.8 – Castro Maya, produziu livros como a *Viagem pitoresca e História ao Brasil* com originais inéditos de Debret, indispensáveis à pesquisa histórica (*Museus Castro Maya*, 1996, p. 77). Em primeiro plano, *La Leçon Bien Aprise*, de Anatole France (il. Gustav Adolphe Mossa; encad. Pinardon Bel. de Paris, 1922). Em segundo plano, livros com encadernações em couro com lombadas ornamentadas, ilustrados por Henri Caruchet, Mucha, destacando-se à esquerda *Les Fleurs du Mal*, de Charles Baudelaire (il. A. Rassenfosse; encad. Marius Michel, Paris, 1889), editado por Les Cent Bibliophiles. Ao fundo, *Patriotisme et Endurance*, do Cardeal Désiré Mercier (Bélgica, 1921), que faz parte da coleção de livros religiosos de D. Theodósia. (*Museus Castro Maya*, 1996, p. 12).

Castro Maya converte-se num verdadeiro mecenas. Funda sociedades culturais, museus, edita livros, encomenda obras a artistas pouco conhecidos, auxilia a realização de exposições, além de recuperar para o país importante patrimônio artístico e histórico legado pelos artistas viajantes dos séculos passados, reunidos numa significativa coleção de Brasiliana (*Museus Castro Maya*, 1996, p. 108)

Porém, Castro Maya não se contentou com a função de bibliófilo. Ele queria montar sua coleção, tornando-se, assim, ele mesmo editor. A historiadora Stella Rodrigo Octavio Moutinho ratifica a atitude: “O bibliófilo se duplicava em editor. E conseguiu materializar, gradativamente, o grande projeto.” (2001, p. 104)

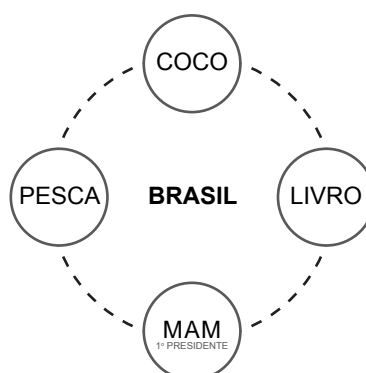
Assim, aos 49 anos, em 1943, Castro Maya funda, no Rio de Janeiro, a Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, adaptando ao país uma iniciativa cultural francesa. O bibliófilo é editor do projeto brasileiro por vinte e seis anos, até sua morte. Como editor, o objetivo de Castro Maya era fazer a Coleção dos Cem Bibliófilos. E ele a fez, nos moldes que agradam a um colecionador: a busca por textos de qualidade e raros, a pequena tiragem, o cuidado na escolha dos papéis, as ilustrações exclusivas e a destruição das matrizes das mesmas. Após seu falecimento, a Sociedade não sobrevive, encerrando também as atividades. Seus exemplares, os de número 2, ainda podem ser vistos nas estantes da biblioteca de sua residência, que atualmente abriga o Museu da Chácara do Céu, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro.



4.9 – Castro Maya encomendou sua nova residência ao arquiteto Wladimir Alves de Souza, que a concluiu em 1957. À esquerda, a biblioteca da casa que hoje abriga o Museu da Chácara do Céu (jan. de 2008) e, à direita, Castro Maya na festa da inauguração da sede definitiva do MAM na Chácara do Céu, ao lado do presidente JK em 1958. (Siqueira, 1997, p. 46)

Percebe-se então que, além de empresário bem-sucedido, dono de propriedades em diversos estados, Castro Maya era figura influente e ativa na sociedade brasileira. Havia uma forte ligação dele com o Brasil. Um homem viajado, conhecedor de outras culturas, aplicava aqui o que admirava em nações diversas a fim de tornar o Brasil o país que desejava. E o fazia com maestria e bom gosto. O Brasil era seu éden. Este é um fio condutor que liga seus distintos feitos ao longo da vida: a criação de um parque urbano brasileiro; o gosto pela aventura da pesca em rios brasileiros; a produção da gordura de coco (um produto tipicamente brasileiro); a criação de um museu para a arte moderna brasileira. O grande valor identificado no projeto da SCBB foi a possibilidade de integração entre literatura e arte nacionais, através do livro.

Pela iniciativa no campo da literatura é que, dois anos antes de sua morte, recebe da Academia Brasileira de Letras a medalha Machado de Assis, pelo estímulo e desenvolvimento de atividades culturais e artísticas no país. Em 1968, já falecido, recebe o título de Cidadão Carioca.



4.10 – Castro Maya e o gosto pelo Brasil.

Para dar corpo à Coleção, Castro Maya contou com diversos profissionais ao longo dos anos. Contratou um Diretor Técnico que intermediava a relação entre ele, os gráficos e os artistas.

4.2 Diretores Técnicos x produção gráfica

Castro Maya estava à frente e tomava as decisões executivas, mas dispunha sempre de um braço direito que o ajudava a fazer a comunicação técnica com o artista e orientava os serviços gráficos.

A presença do Diretor Técnico só é registrada nos colofões a partir da quarta publicação. Parece-nos que, inicialmente, Castro Maya confiava aos próprios artistas o projeto do livro, como veremos caso a caso. A sensação é de que tais livros assemelham-se a experimentos. Muito do que foi feito na época jamais seria repetido. Tal afirmativa pode ser comprovada pelas primeiras tentativas de impressão. Os artistas eram contratados para elaborarem gravuras originais para ilustrar os livros. Mas, devido a dificuldades técnicas iniciais, como veremos adiante, ilustravam os livros com desenhos e faziam, separadamente, gravuras originais em papéis diferenciados, que eram encartadas fora da numeração corrente do livro.

O primeiro livro da Coleção, *Memórias Posthumas de Braz Cubas*, foi ilustrado por Portinari, com auxílio de seu irmão Luiz para *tirar* as gravuras. Esta é a única publicação a usar no cabeçalho da página o nome do livro. A ilustração do miolo foi desenhada a nanquim e impressa em clichê e o texto feito por composição tipográfica mecânica. As gravuras originais foram executadas à parte, em papel especial, fora da numeração.

Logo em seguida, no segundo livro, está descrito no colofão que Santa Rosa, além de ilustrar, orientou os trabalhos gráficos. Portinari⁴ deve ter sugerido a Castro Maya o nome de Santa Rosa, pelo seu sucesso como ilustrador e capista para diversas editoras (como a Schmidt e José Olympio). Além disso, existe o fator relacional, pois S.R. (como assinava suas capas) fora seu assistente à época da preparação dos murais para o pavilhão brasileiro na Exposição Mundial de Nova Iorque⁵. Esse livro é um dos mais diferentes. É o único a possuir um fio no pé de página e ao redor dos desenhos. Textos e desenhos do miolo foram impressos em offset. As gravuras originais também foram feitas em separado, em papel especial, fora da numeração.

Pelo sertão, o terceiro, é ilustrado por Livio Abramo, coadjuvado por Marcello Grassmann (para tirar as gravuras em madeira). Provavelmente, os dois juntos coordenaram o projeto do livro. O texto foi realizado em composição tipográfica mecânica (linotipia) e as pequenas e poucas imagens do miolo foram talhadas em linóleo ou escavadas sobre madeira. A publicação também destoa das demais pelas capitulares e vinhetas diferenciadas (ver Capítulo 5). As gravuras originais foram feitas à parte, em papel especial, e do mesmo modo não fazem parte da publicação, vindo em um estojo em anexo 27 unidades, uma por folha (dimensão próxima do A4). Curiosamente, o bibliófilo associado José Mindlin afirmou recentemente que

4 O consagrado artista plástico era também o associado nº 11. Além disso, estava incluído no círculo de amigos de Castro Maya. Realizou diversos outros trabalhos para ele, como, por exemplo, o retrato (1943) do empresário que se encontra em lugar de destaque no atual Museu Chácara do Céu.

5 No artigo *Santa Rosa: um designer a serviço da literatura*, de Edna Lúcia Cunha Lima e Maria Christina Ferreira, encontra-se uma apurada pesquisa sobre a atuação profissional de Santa Rosa, in Cardoso (org.), 1987, p. 209.

esse é o livro de maior valor, por ser o único onde gravura e texto não se misturam. Para Mindlin, a gravura no livro possui um valor inferior, pois não pode ser emoldurada. (informação verbal)⁶

Somente a partir do quarto livro a impressão do texto passa a ser por prensas manuais. Esse foi o partido tirado das possibilidades técnicas existentes na época, para que texto e gravuras originais fossem impressos com o mesmo papel. A gravura original (também tirada manualmente) começa a ser diagramada junto com o texto, não mais encartada, como nas três primeiras publicações. Tal forma de trabalho agradou a Castro Maya, tanto que, anos mais tarde, em 1955, escreve ao artista Carybé, fazendo algumas perguntas e explicando as condições técnicas para a impressão de imagem nos seus livros.

Quem gravaria as placas das águas-fortes? (pois numa edição de bibliófilos não se pode pensar em outra fórmula como offset, placa de zinco etc.) Além disso, gostaríamos que fossem reproduzidos seus desenhos tal qual como foram executados [na carta está sublinhado]; teríamos que fazer primeiro uma boneca e junto consigo resolver qual o melhor aproveitamento. (Pasta 103, doc. 1, pág. 1)

Luiz Portinari (conhecido por Loy Portinari) figura como o primeiro Diretor Técnico, a partir da quarta publicação. Os livros realizados no seu período apresentam características marcantes: todos possuem o mesmo tamanho, 250 x 330 mm (guardadas mínimas variações); as fontes tipográficas são serifadas, três das quais são Caslon; as ilustrações são em uma cor, preto, e todos os livros utilizam uma segunda cor no texto.

A sétima publicação é marcada pela transição de Luiz Portinari para Darel Valença Lins. Segundo relatos de Darel⁷, Loy e Iberê estavam com dificuldades para a impressão das gravuras de Iberê, que testava uma técnica nova trazida por ele da Europa. Loy, sabendo que Darel dominava as técnicas de impressão e já era conhecido como gravador, ofereceu-lhe emprego, com a condição de que Darel ajudasse Iberê a concluir o livro. Darel e Iberê haviam brigado em público um pouco antes. Mesmo assim, Darel aceita o convite, porém antes de iniciar o trabalho conversa com Iberê sobre estar ali para ajudá-lo, não querendo, assim, levar adiante as brigas. O livro fica pronto e Iberê torna-se um dos melhores amigos de Darel, até a morte, anos depois.

6 Entrevista cedida em sua residência, em São Paulo, em 29 de fevereiro de 2008.

7 Depoimento dado durante entrevista em sua residência no Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 2007.

4.11 – Exemplos de publicações dirigidas por Loy Portinari, esc. 1:10.



folha de rosto



páginas 322 e 323



folha de rosto



páginas 76 e 77

Eu estava na porta do Vermelhinho e tive uma discussão muito feia com Iberê Camargo. O Iberê era muito sabido, um cara meio doido. Eu não me lembro mais os detalhes. Então éramos mais ou menos inimigos. E Iberê foi chamado para fazer *O rebelde*, de Inglês de Souza, dos Cem Bibliófilos do Brasil. E quem era o Diretor Técnico dos Cem Bibliófilos do Brasil era Loy Portinari, irmão de Portinari. (...) Então esse Loy Portinari, sabendo da minha briga com Iberê, me chamou e disse: 'O Iberê foi chamado para fazer *O rebelde*, de Inglês de Souza, para os Cem Bibliófilos, mas tá dando muito trabalho. Então eu te ofereço um emprego, você vai ser Diretor Técnico dos Bibliófilos do Brasil', era o que ele era. 'Mas – não me esqueço que ele me pagou um espaguete à bolonhesa quando me ofereceu este emprego (risos) – você vai ser empregado, vai tomar conta dos Bibliófilos do Brasil, como técnico: questões técnicas de gravura, fazer livro, paginar livro, essa coisa toda. Mas você em primeiro lugar bota o Iberê pra fora.' Este foi o acordo que ele fez comigo. Eu, como não sou bobo, disse que tudo bem, eu precisava do emprego, e para mim tornou-se uma espécie de realização. (informação verbal)⁸

A partir de então, Darel (1924), jovem artista plástico pernambucano, com 29 anos, assume sozinho o cargo de Diretor Técnico da Coleção dos Cem Bibliófilos do Brasil. Segundo ele, "o que estava me interessando nos Cem Bibliófilos era a questão de fazer arte, e eu sou artista até dormindo". Darel necessitava daquele emprego. Anos antes tinha abandonado o serviço público com o ideal de se tornar artista. O artista plástico já tinha certa projeção quando Luiz

8 Depoimento dado durante entrevista em sua residência no Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 2007.